

Auto-suficiência não significa combustível barato

Especialistas da Universidade analisam os fatores que regulam os preços do petróleo e seus derivados e garantem que as importações irão continuar

Página central



BRUNO VIEIRA/ DIVULGAÇÃO PETROBRAS

Racionalizar o espaço para reduzir as filas

Campus Nos últimos dez anos, a frequência aos quatro restaurantes universitários da UFRGS aumentou em mais de 100%, e continua a crescer. Reformas e novos arranjos vão ampliar a capacidade do setor, tornando mais ágil o atendimento. Em dias úteis, os RUs servem café-da-manhã para 170 pessoas, almoço para 5.550 e jantar para 1.150. Além de oferecer refeições a

preços acessíveis, os restaurantes também integram a parte acadêmica da Universidade, abrigando estúdios, aulas práticas, análises e experiências. Mas a comunidade sente falta de um restaurante no Campus Olímpico e de uma casa de estudantes que também abrigue alunos da pós-graduação e professores visitantes. **Página 6**

Cientistas defendem uso da energia nuclear

Internacional Em meio à lembrança dos 20 anos do acidente na usina de Chernobyl, na Ucrânia, professores da UFRGS, envolvidos em pesquisas de energia nuclear, divulgam seus projetos e discutem os avanços e as políticas para a área. Entre outros pontos, os pesquisadores destacam as aplicações dos materiais radioativos na produção de medicamentos, no tratamento

de doenças e na indústria de alimentos. O professor do Departamento de Engenharia Nuclear, Farhang Sefidvash, explica porque a filosofia de geração da energia nuclear do futuro é totalmente diferente da atual e apresenta projeto de reator nuclear apoiado pela Agência Internacional de Energia Atômica. **Páginas 10 e 11**

Movimento estudantil

Mais reuniões e menos protestos



FLAVIO DUTRA

Campus As manifestações de rua, que marcaram as décadas anteriores, hoje são raras no movimento estudantil. Alunos ligados ao Diretório Central dos Estudantes (DCE) acham que o problema é que os estudantes chegam muito perdidos à universidade, sem terem noção do papel dos Diretórios Acadêmicos. Mas esta não é a opinião de Wanderlei Carraro, ex-líder estudantil e hoje professor do curso de enfermagem da UFRGS. Para ele, os calouros mantêm-se afastados dos diretórios por não estarem dispostos a assumir as posturas partidárias vigentes nas entidades. O professor também sustenta que a proliferação dos partidos políticos trouxe sérios problemas para o movimento estudantil. "Ficou difícil juntar pessoas em torno de uma idéia e lutar por ela, pois cada partido tem uma interpretação própria para toda questão que vem à tona na sociedade", diz o ex-líder estudantil, para quem é fácil encontrar pessoas para discutir e polemizar, mas não para tomar decisões. **Página 7**

o futebol como parte do nosso dia-a-dia



TANIA MINOSSI

Atualidade Chamado por alguns críticos de atividade "alienante", o futebol segue conquistando novos adeptos e ultrapassa as dimensões restritas da competição esportiva, conquistando o gosto popular em países de diferentes culturas. Ao longo do tempo, o jogo criou significados

para seus atletas e torcedores, adquirindo o poder de representar características locais, regionais ou nacionais e de acirrar rivalidades. Abandonando o terreno do simples entretenimento, o futebol transformou-se numa arte performática, na qual é cada vez maior o predomínio da técnica sobre a improvi-

sação e onde os investimentos atingem a casa dos milhões. Mesmo em ano de Copa do Mundo, em que as peladas de bairro parecem merecer pouca atenção, vale a pena conferir o talento daqueles que driblam terrenos ruins e falta de dinheiro pelo prazer de jogar bola. **Página 5**

Como se faz um ator?

Cultura Estudantes e professores ligados ao Departamento de Arte Dramática (DAD) falam sobre como se processa a formação de atores e diretores teatrais. Em meio a discussões sobre o desenvolvimento da técnica e o papel da arte como provocadora de reflexões, os estudantes precisam fazer opções estéticas e também políticas. O professor Xico de Assis acredita que o diferencial do curso desenvolvido pela UFRGS está na oferta de teorias, discussões e práticas que permitem a construção de um discurso articulado, capaz de provocar algum tipo de efeito no ator e na platéia. Já a professora Inês Marocco considera importante que os estudantes tenham a iniciativa de criar novos projetos, a despeito das limitações impostas pela falta de verbas. Para ela, o teatro representa uma poderosa arma de *marketing* e o público que prestigia as apresentações organizadas pelo DAD contribui para o desenvolvimento de uma dramaturgia de qualidade. **Página 13**

Cartas

Li com indignação a matéria sobre a invasão de pinus e eucaliptos na região da Campanha Gaúcha. Além de provocar danos ao ecossistema do pampa, produzirá menos emprego que a agricultura familiar, por exemplo. Não é à toa que está havendo tanto barulho entre os nossos vizinhos argentinos e uruguaios a respeito da instalação de fábrica de celulose nas margens do rio Uruguai.

Wanderlei Moura da Silva
- Canoas, RS

Envie sua crítica,
sugestão ou opinião:
e-mail: jornal@ufrgs.br

Memória da UFRGS



1981. Vista aérea do Campus Olímpico da Escola de Educação Física da UFRGS, quando a avenida Salvador França ainda não havia sido duplicada e boa parte do entorno da escola permanecia sem urbanização. No canto superior esquerdo, vê-se parte do Jardim Botânico.

Espaço da Reitoria

Assistência estudantil na UFRGS

Uma das afirmações mais comuns dos críticos da universidade pública consiste em dizer que seus alunos provêm da elite. Embora sempre seja polêmico definir exatamente o que seria elite em um país de alta concentração de renda e grande grau de evasão dos ensinos fundamental e médio – os concluintes deste já são, sob certo ponto de vista, uma elite – não é bem a realidade quando visualizamos outros dados sobre nossos discentes. Quase dois terços deles provêm de lares com renda familiar de até 10 salários mínimos e usam transporte coletivo para vir à Universidade. Por outro lado, nota-se a crescente demanda de bolsa-permanência e bolsa-treina-

mento, assim como aumenta ano a ano a procura pelas casas de estudantes e pelos restaurantes universitários, estes contando também com os servidores que passam por séria defasagem em seus salários reais.

Por isso, temos como um dos princípios norteadores da nossa administração o apoio à assistência estudantil. Mesmo no quadro de reconhecida escassez de recursos neste pouco mais de um ano de gestão, colocamos em operação o RU do Campus da Saúde e estendemos o serviço de café da manhã na Cefav, antigas reivindicações. A ampliação do RU do Campus do Vale será o próximo passo, com obras iniciando no próximo semestre. Já no

Campus Central, apesar da pouca viabilidade de expansão da área física, criamos comissão com representantes da Administração Central e estudantes para sugerir mudanças visando a reorganizar o espaço existente para ampliar o número de refeições a serem servidas. Estas e outras medidas em estudo deverão contribuir para diminuir o tempo de espera nas filas. Tais gastos não são cobertos por verbas orçamentárias, refletindo uma decisão política da Universidade em mantê-los, o que força a cada vez uma negociação com o MEC.

Além disso, cabe assinalar que implantamos laboratórios de informática nas casas de estudantes, possibilitando melhores condições de estudo para seus moradores. E, finalmente, aumentamos o

valor das bolsas estudantis, começando uma política gradual de recuperação de seu nível, que se encontra muito aquém do verificado nas agências de fomento.

Como resultado, a UFRGS aloca em assistência estudantil valores de seus recursos próprios superiores ao piso que o novo projeto de reforma universitária estipula como mínimo nesta rubrica, que é de 9% – porcentagem considerada uma conquista em outras universidades do país. Orgulhamo-nos de assim proceder, convictos do retorno na qualidade de vida de nossos estudantes e servidores, pré-requisito que se reflete no fortalecimento acadêmico do ensino, da pesquisa e da extensão de nossa universidade.

José Carlos Ferraz Hennemann
Reitor

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110
Bairro Farroupilha, Porto Alegre – RS
CEP 90046-900
Fone: (51) 3316-7000
www.ufrgs.br

Reitor
José Carlos Ferraz Hennemann
Vice-reitor
Pedro Cezar Dutra Fonseca
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretária de Comunicação Social
Sandra de Deus

JORNAL DA UNIVERSIDADE
Publicação da Secretaria
de Comunicação Social da UFRGS
Fone/fax: (51) 3316-3368
www.jornal.ufrgs.br

Conselho Editorial
Alfredo Carlos Storck,
César Antonio Leal, Dirce Maria
Antunes Suertegaray, Edson Luiz
Lindner, Helen Beatriz Frota
Rozados, Luis Augusto Fischer,
Márcia Benetti Machado,
Maria Henriqueta Luce Kruse

REDAÇÃO
Editores-chefe
Ánia Chala
Editor-executivo
Ademar Vargas de Freitas
Secretária de redação
Sandra Salgado
Repórteres desta edição
Jacira Cabral da Silveira e Luiz
Ricardo Linch (bolsista)
Projeto gráfico e diagramação
Juliano Bruni Pereira
Fotografia
Flávio Dutra e Ricardo de Andrade
Revisão
Ademar Vargas de Freitas
e Ánia Chala
Colaboraram nesta edição
Caroline da Silva
e Juliano Bruni Pereira
Circulação
Arthur Bloise
Fotótipos e impressão
Gazeta do Sul S.A.
Tiragem
12 mil exemplares

Artigo

O centenário de Ado Malagoli

Ado Malagoli (Araraquara 1906 – Porto Alegre 1994) é crucial para o sistema de artes visuais do Rio Grande do Sul. Ele caminhou contra o centralismo cultural brasileiro, quando escolheu dedicar sua obra, suas energias e conhecimentos ao sul do país. Com esta escolha teve perdas significativas na sua carreira, privando-se das oportunidades que os seus contemporâneos usufruíram no triângulo São Paulo, Rio e Minas.

O artista ingressou no Instituto de Belas Artes (IBA-RS) quando esta instituição ainda estava fora da Universidade. Em 1951, no momento em que expunha na 1ª Bienal de São Paulo, foi procurado por Ângelo Guido e Fernando Corona. Posteriormente, Tasso Corrêa o contratou para a cadeira de Pintura e, no início do ano letivo de 1952, começaram as suas atividades no IBA-RS. Dois anos depois, por sua iniciativa e conhecimentos, lançou-se a idéia da criação do Museu de Arte do Rio Grande do Sul (Margs), que hoje leva seu nome. A seguir, defendeu tese sobre *Pintura e expressão* para tornar-se professor catedrático. Eleito para o cargo de diretor do Instituto, foi aconselhado a não tomar posse.

Malagoli foi o primeiro professor *stricto sensu* de Pintura do Rio Grande do Sul. Como um mundo próprio e autônomo, a linguagem da Pintura era, para ele, a matéria, a textura, a cor, as veladuras e a construção do filme pictórico do quadro. Competência e limites são sinônimos da autonomia. Ado manteve-se inteiramente fiel às competências e aos limites da pintura, no seu aspecto mais exigente. Na sua

tese, ele é explícito e reforça a lição de Maurice Denis de que “um quadro, antes de ser um cavalo de batalha, um nu de mulher, ou qualquer outra anedota, é essencialmente uma superfície plana coberta por cores agrupadas com certa ordem”. Esta coerência com a natureza da pintura pode ser conferida no quadro o “*Arlequim e o gato preto*”, pertencente ao acervo da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do Instituto de Artes e no painel do salão nobre da Faculdade de Direito da UFRGS.

As convicções de Malagoli foram reforçadas na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA). Ao integrar o Núcleo Bernardelli (1931-1942), ele reforçou o contraditório à instituição oficial. Tendo conquistado um prêmio de viagem aos Estados Unidos, estudou em Chicago, onde cultivou a competência do seu projeto de criar um museu de arte. Lecionou para a Sociedade Antônio Parreiras, de Juiz de Fora, Minas Gerais, coordenada por Edson Motta (1910-1981).

Na concepção de “*estrangeiro*”, exposto por Simmel, o olhar neutral do paulista Ado Malagoli conseguiu que o meio regional do cenário sul-rio-grandense se abrisse em sincronia com as séries culturais que se desenvolviam paralelamente em outros centros de cultura brasileiros e internacionais. Ado

Como mestre de si mesmo, Malagoli soube cultivar a própria carreira



Mural localizado no salão nobre da Faculdade de Direito da UFRGS

abraçou todos os condicionamentos das séries que este novo meio cultural poderia oferecer de universal.

Como docente de Pintura, ofereceu o universal, legando a própria imagem da ética do campo das artes. Para ele, o estudante ainda “*não fazia arte*”, pois se encontrava ainda na heteronomia do seu mestre. Como mestre de si mesmo e na autonomia, Malagoli soube cultivar a própria carreira. O atelier particular, as periódicas exposições individuais e coletivas pontuam o currículo de pintor comprometido em socializar o que concebia em sua obra.

Evidente que este meio periférico sulino cobrou tributos da memória de Malagoli. Tributos pagos à entropia, à queima de etapas e à

fragilidade do meio cultural, ainda muito próximo das necessidades básicas. A obra da pintura deste mestre ergue-se, no meio deste caminho estreito e difícil, como um paradigma público daquilo que foi possível realizar nos 43 anos em que viveu no sul do Brasil.

Veja o pensamento do mestre em MALAGOLI, Ado (1906-1994) – TÉCNICA E EXPRESSÃO: considerações. Tese de concurso para o provimento da cadeira de pintura do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: edição do autor, 1957, 88 p, ilustr. pb.

Cirio Simon
Professor de História da Arte
do Departamento de Artes Visuais



engenharia ■ Grupo trabalha pela gestão ambiental

A UFRGS está trabalhando para implantar sua política ambiental, buscando dar o encaminhamento adequado a uma quantidade significativa de resíduos sólidos produzidos constantemente pela instituição. A iniciativa é resultado do diagnóstico elaborado em 2004 pelo Grupo Interdisciplinar de Gestão Ambiental (Giga) da Escola de Administração, que apresentou as conclusões de uma pesquisa sobre a origem, a quantidade e a destinação dos resíduos sólidos da UFRGS.

Segundo o professor Volnei Alves Corrêa, coordenador-executivo do Grupo, entre as sugestões apontadas pelo relatório estava a estruturação de um modelo de gerenciamento integrado, considerando todas as fases, da geração à destinação final dos resíduos, com o propósito de otimizar o reaproveitamento, a reciclagem e o

compartilhamento da responsabilidade ambiental com os fornecedores de bens e serviços. O levantamento também sugeriu o início de um programa intra-institucional de educação ambiental para professores, técnicos e alunos da UFRGS, visando a maior conscientização dos problemas que atingem a comunidade acadêmica.

Nesse sentido, o Giga está promovendo, desde o início deste semestre, um curso para formação de agentes ambientais, do qual participam 32 pessoas, entre professores e técnicos. A idéia, conforme Corrêa, é fazer com que cada participante identifique os problemas ambientais em suas próprias unidades. Já está prevista uma nova edição do curso para agosto, pois "o ideal é que todos os órgãos da Universidade tenham um agente ambiental", informa o coordenador,



FLAVIO DUINA

que acredita que o ponto principal de uma boa gestão nessa área é a redução do desperdício.

Volnei Corrêa finaliza acrescentando que as ações de gestão ambiental devem influenciar também o ensino. "O descarte inadequado de resíduo constitui um

mau exemplo dentro da própria universidade. Como poderemos formar bons químicos ou engenheiros se não cuidarmos da correta gestão ambiental?", argumenta o professor, para quem o exemplo transforma muito mais do que qualquer palavra.

saúde ■ R\$ 6 milhões para pesquisa

Por intermédio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, os ministérios da Ciência e Tecnologia e da Saúde lançaram o edital de número 23/2006, destinando R\$ 6 milhões para propostas nas áreas de Gestão do Trabalho e Educação em Saúde e Comunicação e Informação em Saúde. O objetivo é fomentar a pesquisa por meio de apoio a projetos que contribuam de modo efetivo para o avanço do conhecimento e a geração de produtos e que dêem subsídios para a formulação, implementação e avaliação de ações públicas voltadas para a melhoria das condições de saúde da população brasileira e para a superação de desigualdades regionais e socioeconômicas. O envio de propostas pode ser feito até 20 de julho e as informações detalhadas estão à disposição no site www.cnpq.br/servicos/editais/ct/2006/edital_0232006.htm ou através da central de atendimento, telefone 0800-619-697.

ensino ■ Universidade lança curso a distância

A Universidade assinou o convênio que implementará seu primeiro curso de graduação a distância já no mês de julho. O curso de Licenciatura em Pedagogia oferecerá 400 vagas e será ministrado nos municípios-pólo de Alvorada, Gravataí, São Leopoldo, Sapiranga e Três Cachoeiras. Haverá duas semanas de curso presencial, no início e no final do semestre, e atividades práticas que exigirão a presença do aluno num dos municípios-pólo. Inscrições poderão ser feitas no período de 9 a 15 de junho. Mais informações junto ao site da Secretaria de Ensino a Distância da UFRGS no endereço www.ufrgs.br/sead.

► **Redação e edição** Ánia Chala (interina) | Fone: 3316-3497 | E-mail: sandra.salgado@ufrgs.br

intercâmbio ■ Reitores cubanos visitam a UFRGS

No final de abril, a Universidade recebeu a visita de cinco reitores de universidades cubanas, de um grupo de 22 dirigentes universitários que se reuniram em Brasília com colegas brasileiros, sob a coordenação da Andifes. Dois deles, conversaram com o Jornal da Universidade. O engenheiro Melchor Gil Morell, reitor da Universidade das Ciências Informáticas (UCI) de Cuba e vice-ministro de Informática e Comunicações visitou o Instituto de Informática. Segundo Morell, a tendência de muitos países é passar à plataforma de *software* livre. "Temos algumas idéias de trabalho em conjunto relacionadas com o

tema da administração em redes sobre Linux, e pretendemos começar de imediato", disse o reitor cubano. A intenção é dar início a negociações para a criação de um curso de seis meses a ser ministrado em Havana por um professor do Instituto. Em breve, um técnico cubano virá a Porto Alegre para acertar as bases desse convênio. Já o diretor-geral do Instituto de Ciência Animal (ICA), de Cuba, professor Omelio Borroto Leal, visitou os laboratórios das Faculdades de Agronomia e de Veterinária e do Centro de Biotecnologia, com os quais pretende acertar trabalhos conjuntos sobre produção e manejo animal, além de estudos da doença

da vaca louca e para a criação de uma vacina contra a gripe aviária. Borroto disse que está em elaboração um programa de trabalho sob a direção da Capes para estabelecer uma colaboração mais estável. Um representante do ICA deverá passar três meses no Departamento de Zootecnia da UFRGS estudando a produção de leite. "Já temos um convênio com a UFRGS desde a visita do reitor Hennemann ao instituto que dirijo, durante a realização do evento denominado Universidad 2006. Agora pretendemos estreitar essas relações e trabalhar em conjunto", concluiu o professor.

infra-estrutura ■ 3º Encontro de Manutenção

Numa promoção da Prefeitura Universitária do Campus do Vale será realizado nos dias 12, 13 e 14 de junho, o 3º Encontro de Manutenção da UFRGS. A atividade, organizada pela própria prefeitura e pela Associação Brasileira de Manutenção (Abraman/RS), promoverá a troca de experiências entre os profissionais de manutenção e operação das instituições federais de ensino superior (Ifes), através da divulgação da gestão, métodos e técnicas de trabalho. Ela visa à melhoria da qualidade e da confiabilidade, das condições e do ambiente de trabalho, da segurança, da preservação ambiental e da



racionalização de custos na manutenção. A programação abre com um mini-curso sobre manutenção preventiva total e prossegue nos dias 13 e 14 com palestras técnicas e painéis sobre questões como: manutenção e meio ambiente; segurança baseada em comportamento; e, financiamento da manutenção nas Ifes. O encontro será realizado no Salão de Atos da UFRGS (Av. Paulo Gama, 110), nos turnos da manhã e tarde. Informações e inscrições junto à Prefeitura do Campus do Vale da UFRGS (Av. Bento Gonçalves, 9.500), telefone 3316-6617 ou através do e-mail pvale@ufrgs.br.

informática ■ Introdução ao uso do computador

Trabalhadores com idade igual ou superior a 45 anos poderão participar do curso "Introdução ao uso do computador", promovido pelo grupo de pesquisa em Educação e Envelhecimento da Faculdade de Educação da UFRGS. As aulas serão ministradas pelo professor Johannes Doll junto ao Laboratório de Informática em Educação (Av. Paulo Gama, s/nº, Campus Centro), nas quartas e quintas-feiras, das 19h às 21h30min, de 14 de junho a 6 de julho. Inscrições na sala 810 da Faced. Outras informações podem ser obtidas pelo telefone 3316-4144 ou através do e-mail johannes.doll@ufrgs.br.

Breves

Judô

No final deste mês, o estudante do terceiro semestre de Educação Física da Esef, Willy Schneider, embarca para a cidade francesa de Tours, onde irá participar do campeonato mundial de judô. O atleta foi campeão brasileiro em 2005, apesar de ter lutado a final com uma semi-luxação no cotovelo esquerdo, e já havia conquistado outro título nacional em 1990. Willy é judoca da categoria master e compete há 25 anos. Ao longo da carreira, foi atleta destaque do estado nos anos de 2001 e 2005; conquistou o vice-campeonato nos jogos sul-americanos no Peru, em 1990; venceu o campeonato brasileiro por equipe, em 1991; além de ter sido campeão regional por 14 vezes. O estudante ainda está em busca de patrocínio para custear as despesas da viagem à França.

Escola Técnica

Estão abertas até 9 de junho as inscrições para o exame de seleção aos Cursos de Educação Profissional de Nível Técnico promovidos pela Escola Técnica da UFRGS, com início no segundo semestre de 2006. São oferecidas 255 vagas nas áreas profissionais de comércio, gestão, meio ambiente, química e saúde. Inscrições via Internet, no site www.escolatecnica.ufrgs.br ou na sala 101 da Rua Ramiro Barcelos, 2.777, das 9h às 12h e das 14h às 17h. Outras informações pelo telefone 3316-5172.

Edital PIBIC

A Pró-reitoria de Pesquisa informa que até 22 de junho irá receber inscrições para o edital Pibic/CNPq-UFRGS 2006/2007. O Pibic é um programa mantido pelo CNPq, voltado para a iniciação à pesquisa de alunos de graduação, do qual participam 122 instituições do País, sendo que a UFRGS situa-se entre as cinco universidades brasileiras com o maior número de bolsas. O edital, o formulário e as orientações gerais estão disponíveis na página da Proespq no endereço www.ufrgs.br/proespq.

Tecnologia computacional

Até 15 de julho poderão ser feitas as inscrições para a segunda turma do curso de especialização em Tecnologia Computacional Aplicada ao Projeto, desenvolvido pelo Núcleo de Computação Gráfica Aplicada da Faculdade de Arquitetura da UFRGS. O curso visa a capacitar profissionais de Engenharia, Arquitetura e Design na utilização de tecnologias computacionais de forma integrada, com ênfase na concepção e a análise de projetos. Mais informações no site www.nca.ufrgs.br/ ou pelo telefone 3316-4258.

Acervos

Foi instalada a Comissão de Acervos e Arquivos da UFRGS, destinada a criar um sistema descentralizado de arquivos, acervos e documentos que reúna o conjunto das informações sobre a Universidade. A comissão é presidida pela professora do curso de Arquivologia, Maria do Rocio.

AGENDÃO | 2006

Saiba o que acontece na UFRGS acessando a revista eletrônica semanal de cultura da Secretaria de Comunicação Social

Cadastre-se em www.ufrgs.br/comunicacaosocial/agendao

ARTE ROSANE VIEIRA



A QUESTÃO CARCERÁRIA

A onda de violência que se abateu sobre São Paulo a partir de ordens emitidas de dentro das prisões pelos líderes do crime organizado chocou o País. E, antes mesmo que a população se refizesse desse golpe, outra onda de violência se seguiu, desta vez atribuída a policiais, que foram as principais vítimas do primeiro ataque. Para comentar esses acontecimentos e os desdobramentos que certamente virão, o Jornal da Universidade convidou dois professores da UFRGS ligados ao tema.

O professor José Vicente Tavares dos Santos lamenta que a violência, seguida pelo crime organizado como código de conduta, tenha passado a orientar a ação de certos policiais. Ele se pergunta se a sociedade brasileira estaria revivendo o direito à orientação repressiva das sociedades sim-

ples, baseadas na lei da vingança, em detrimento do direito repressivo das sociedades complexas. E, como saída, sugere a construção de uma opinião pública crítica, informada e reflexiva.

Já o professor Luiz Carlos Rodrigues Duarte lembra que a produção penitenciária sintetiza a noção de que o trabalho prisional produtivo é um direito e um dever do presidiário, legalmente imposto mas descumprido. E afirma que o que mais revolta o homem do povo é ver-se assaltado na via pública e, depois, ser novamente assaltado pelo Estado, através de impostos carreados para alimentar a ociosidade, a promiscuidade, a vadiagem e a criminalidade carcerárias. Ele crê que é hora de refletir em torno dessa matéria e de agir com prudência e determinação.

Horror e civilização

José Vicente Tavares dos Santos*

O cotidiano da principal cidade brasileira foi tomado pelo horror: a violência do crime organizado, a sincronização de ataques a policiais e agentes penitenciários, 41 mortes, e a eclosão simultânea de 78 rebeliões em presídios.

Cenas de sucessivas crueldades, de sofrimento das famílias dos policiais, perda de homens valiosos. Os dirigentes políticos oscilaram entre a surpresa e um presumível “está sob controle”, ficando ao cidadão a perplexidade: como seria se não soubessem! Configurou-se o primeiro horror: os policiais, com desconcertados comandos foram alvos inocentes.

O estado mais rico, que recebeu metade das verbas do Fundo Nacional de Segurança Pública, onde foram construídos mais de 100 presídios, mostrou um espetáculo dantesco. Em dez anos, o número de reclusos no País passou de 160 a 361 mil, os cárceres como “depósitos de homens infames”, jovens com menos de 30 anos, condenados em sua maioria pelos delitos de furto ou roubo.

As cenas de prisioneiros irados nos tetos, encapuzados, falando ao celular, suplicando outros presos e agentes penitenciários trouxeram-nos o segundo horror: a reclusão como pena preferencial. Depois de negociações entre representantes estatais e líderes do

PCC, a sincronia no fim das rebeliões confirmou as pesquisas disponíveis: a gestão penitenciária implica a negociação. É a “cultura das prisões”.

A grande cidade despertou vazia, e o horror chegou às ruas, com 339 ataques a ônibus e a estabelecimentos públicos. Todos vivenciaram o tempo infinito do espaço recluso, a liberdade deixou de pairar, o encarceramento progressivo de uma parte da população foi expandido, como simulacro do horror carcerário no silêncio da “insegurança fabricada”. Vivemos, por alguns dias, a pós-modernidade que liquefaz nossas certezas.

Chegamos ao quarto ato do horror: a vingança letal de alguns policiais, nas trevas, matou 110 supostos “suspeitos” e presumíveis “inocentes”. A violência como código de conduta, seguida pelo “crime organizado”, passou a orientar a ação de certos policiais.

Os impasses: estaria a sociedade brasileira revivendo o direito à orientação repressiva

A sociedade brasileira, no caminho da democratização, precisa inserir na agenda pública a eliminação das faces do horror



FLAVIO DUTRA

das sociedades simples, baseadas, dizia o sociólogo Emile Durkheim, na lei da vingança, em detrimento ao direito repressivo das sociedades complexas? Estaríamos, diante do horror, abandonando a difícil construção do estado de direito, e, ao assumir a violência da vingança, suprimindo os muros morais entre a prisão e a liberdade?

A tarefa consiste na construção de uma opinião pública crítica, informada, reflexiva. Como reduzir a enorme desigualdade social? Como aumentar os programas de prevenção da violência? Como realizar programas sociais para os jovens, evitando sua absorção pelos atrativos do tráfico de armas e de drogas? Como melhorar a eficiência investigativa das polícias para que cumpram com eficácia sua função de pacificar a sociedade? Como desenvolver penas alternativas e superar a morosidade do judiciário e da execução penal para reduzir a superpopulação das cadeias?

Como controlar as liberdades do “crime organizado” e a expansão de seus poderes, dentro e fora das prisões?

A resposta mais fácil é a liberação da discricionariedade da ação policial, aumentando a violência contra as populações vulneráveis; o endurecimento das penas e das condições da vida prisional; o reforço do “pânico” pela fabricação da “insegurança coletiva”; ou aceitar a restrição das liberdades pelo aumento de uma “segurança” intramuros.

A sociedade brasileira, no caminho da democratização e do estado de direito, precisa inserir na agenda pública a eliminação das faces do horror. Cabe aos universitários contribuir para a universalidade do respeito à dignidade humana, negando o horror, reafirmando a civilização, para que este país, um dia, tenha futuro.

*Professor titular de Sociologia, grupo de pesquisa Violência e Cidadania – UFRGS

Vozes do cárcere

Luiz Carlos Rodrigues Duarte*

A crise prisional paulista ressuscitou a polemicização acerca da problemática carcerária nacional, exibindo a hediondez de uma resposta retardada ao massacre do Carandiru de tão fatídica memória.

Como sempre aconteceu no Brasil-República, a incompetência estatal volta a prevalecer-se da aguda instabilidade social para manipular panfletariamente a cidadania, fazendo-a crer que o agravamento do sistema normativo é a única, eficiente e miraculosa solução para todas as inquietudes tupiniquins.

Contudo, tamanhos casuismos legislativos decorrem dos demagógicos discursos políticos do crime (Figueiredo Dias) e dos nefastos discursos de emergência (Zaffaroni), destinados à legitimação de um Direito Penal do Inimigo inspirado em práticas fascistas de *law and order* urdidas na sordida *zero tolerance* de sede *yankee*.

A pátria de Sobral Pinto jamais possuiu um verdadeiro sistema penitenciário. Ao reverso, ensaiam-se aqui cambaleantes depósitos carcerários, ora exercidos em xadrezes policiais, ora em masmorras tão fétidas quanto superlotadas e degradantes.

A instituição de um autêntico sistema penitenciário assimila uma tridimensiona-

lidade de pressupostos nucleares, capazes de garantir a prevenibilidade necessária e suficiente à manutenção do equilíbrio nas hostes prisionais. Assim, a conscientização da sociedade, a profissionalização do penitenciário e a produção penitenciária consistem nos vértices reitores tendentes à resolução de conflitos carcerários.

Urge que as forças vivas da nacionalidade conscientizem-se de que cada sociedade possui os criminosos gerados por ela mesma e, por isso, a participação comunitária no desempenho de tarefas executório-penais torna-se um imperativo da globalização imposta pela Idade Cibernética. Afastados os recursos violentos, o homem privado de liberdade deve ser tratado de modo supinamente enérgico, todavia, sempre respeitados os cânones que informam a dignidade humana. Essa mundividência deriva da impossibilidade lógica de ressocializar um indivíduo através da imposição de ofensas físicas ou morais contra esse alguém. Daí, a relevância da cooperação de cada célula social nos afazeres penitenciários, a fim de minimizar a

O presídio é um cancro social, e todo brasileiro também é por ele responsável

concentração de ódios que faz com que o recluso, ao lançar-se no mundo livre, venha a vingar-se de inocentes criaturas indefesas.

A profissionalização do penitenciário atina à instituição de uma carreira penitenciária perene; à edificação estatutária prevendo direitos, garantias e obrigações funcionais; à execução de uma matriz salarial digna e justa; à permanente atualização de conhecimentos científicos e culturais; à harmônica ascendência no quadro mediante criteriosas promoções individuais e, enfim, à certeza de condições humanitárias de trabalho e de seguridade social. As responsabilidades penitenciárias necessitam ser entregues a especialistas nessa área, afastadas as influências políticas, a corrupção oficial e a desmoralização funcional geralmente urdida pela escangalhada máquina pública.

A produção penitenciária sintetiza a noção de que o trabalho prisional produtivo é, concomitantemente, um direito e um dever do presidiário, legalmente imposto mas descumprido. Aquilo que mais revolta o homem do povo é ver-se assaltado na via

pública e, depois, ser novamente assaltado pelo Estado através de impostos carreados à alimentação da ociosidade, da promiscuidade, da vadiagem e da criminalidade carcerárias. Impõe-se que o Poder Público seja ressarcido pela manutenção de prisões e somente o trabalho prisional finalístico poderá conduzir ao pagamento de diárias prisionais como fórmula indenizatória à *res publica*. Enfim, a dinamização empresarial da cadeia revela singela coerência ao princípio capitalista que governa a brasilidade.

Concludentemente, o presídio é um cancro social, e todo brasileiro também é por ele responsável. Uma guerra civil destruirá os sonhos da Democracia, e a insurreição já dominou os cárceres. Como o descalbro carcerário nacional voa em progressão geométrica, em breve atingirá franca exponencialidade e tudo estará comprometido.

Então, não terá chegado a hora de deitar reflexões em torno dessa matéria? Ou de agir com prudência e determinação? Ou, quiçá já esteja no ponto de entoar com vigor o brado guerreiro da Marselhesa: “*Aux armes, citoyens!*”

*Professor do Departamento de Ciências Penais – UFRGS

A eterna paixão pelo jogo das multidões

Futebol *O mais popular dos esportes, gosto peculiar da identidade brasileira, vive seu “ano de gala”*

Juliano Bruni Pereira*

Bill Shankly, célebre treinador do Liverpool entre as décadas de 1950 e 1970, resumiu, certa vez, em uma interpretação bastante abrangente: “O futebol não é uma questão de vida ou morte. É muito mais do que isso”. A frase, impregnada de um exagero fatalista, de qualquer forma amplia a importância já colossal que o futebol atingiu nos últimos tempos. É o esporte mais praticado no mundo e também uma das três maiores fontes de renda do planeta. Os negócios que envolvem toda a estrutura do futebol – desde transferências e pagamentos de jogadores até as camisas falsificadas vendidas nas ruas – movimentam volumes imensuráveis de dinheiro.

A economia global se rende à atração em que se transformaram as partidas televisionadas: pela primeira vez, a Copa do Mundo vai gerar mais de 1 bilhão de dólares apenas em contratos de publicidade. Os estádios alemães, anfitriões desta edição da Copa, estão recebendo cerca de três milhões de torcedores, vindos de países de todas as regiões do planeta, para os trinta dias da maior competição esportiva que existe. Antes praticado massivamente apenas na Europa e na América Latina, o futebol atinge o gosto popular de países de culturas tão díspares como Estados Unidos, China, Irã e Togo.

Há muito, a prática do jogo de bola transcende as dimensões restritas da competição esportiva. Mas por que o futebol consegue despertar todo esse fascínio?

O pesquisador britânico Richard Giulianotti, acadêmico atento ao fenômeno sociológico do esporte, afirma que toda a magia está relacionada com a origem e as condições de prática do futebol. Giulianotti é autor do livro “Sociologia do futebol, dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões”, lançado no Brasil em 2002, pela editora Nova Alexandria, e que continua a ser um dos melhores (e raros) trabalhos sobre o futebol a partir de um olhar científico. O estudioso argumenta ali que, ao contrário de outras diversões aristocráticas (como o críquete, muito em voga durante a era vitoriana, quando surgiu o futebol moderno), a nova atividade exige apenas um terreno plano – independentemente de suas condições –, uma bola e regras de fácil assimilação e relativa simplicidade. Esse fator foi decisivo na difusão do jogo entre as classes trabalhadoras. De fato, desde a criação da primeira agremiação destinada à prática do futebol (o inglês *Sheffield Football Club*, fundado em 1854 na cidade de mesmo nome), o esporte cresceu vertiginosamente na preferência do público, seja para praticá-lo ou para assistir às partidas.

Representação – Um ponto importante a destacar é a capacidade ímpar de representação que o futebol adquiriu. Desde sua criação e afirmação na sociedade inglesa do século XIX, o jogo instituiu formas de significação para seus atletas e torcedores que vão, novamente, muito além da competição esportiva. De modos variados, esse fenômeno ocorre ainda



O amor ao futebol se traduz não apenas nos gramados milionários e nos grandes estádios, mas sobretudo nos campinhos das periferias

TANIA MINOSKI

hoje, e de maneira cada vez mais acentuada. Giulianotti explica: “Em cidades de apenas um clube, rivalidades espaciais intensas podem emergir como disputas para representar regiões provinciais [...]”. Em nações menores, essas rivalidades podem aumentar como disputas para representar a nação”.

Assim como o nosso Grenal, diversos outros clássicos, espalhados por praticamente todo o mundo, sempre adquirem um significado local especial de superação do “tradicional rival”. No Rio de Janeiro, Flamengo e Fluminense opõem-se a partir de um confronto originalmente entre o popular e a elite, o mesmo valendo para o “super-clássico” Boca Juniors versus River Plate, na Argentina; na Inglaterra, as querelas regionais traduzem-se em embates como o “derby” de Merseyside, envolvendo o Manchester United e o Liverpool; na Espanha, a rivalidade entre Real Madrid e Barcelona carrega uma conotação nacionalista, o primeiro representando o país unido e o poder central, enquanto o segundo manifesta o orgulho catalão.

O *hooliganismo*, fenômeno de violência extrema entre torcedores, sobretudo nas ilhas britânicas, aparece frequentemente como ápice desse sentimento de rivalidade gerado pelo futebol. No entanto, muitos pesquisadores concordam que os atos violentos não mantêm relação direta com o futebol, servindo este apenas como pretexto para as ações.

Clássico vs. moderno – Na discussão sobre o panorama atual do futebol, muitas vezes, é colocada a questão sobre a mudança de rumo verificada na maneira de praticar e de interpretar o jogo.

Dentro de campo, após o período inicial de difusão e assimilação do esporte, há um período de algumas décadas – entre os anos 1920 e 1980 – em que ocorre a profissionalização do futebol, a busca pela

vitória resulta em uma maior elaboração dos esquemas táticos, e os primeiros grandes ídolos passam a integrar a galeria dos personagens da História. Podemos citar a Holanda da década de 1970: a Laranja Mecânica treinada por Rinus Michels revolucionou a forma de jogar futebol, alterando o posicionamento dos atletas em campo: não havia funções específicas e limitadas, todos contribuíam em toda a extensão do gramado. Desse exemplo decorre a necessidade de maior preparação física, que também contribuiu para a sensível alteração. O “futebol-arte” cede espaço para o “futebol-força”.

A própria estrutura alterou-se, passando dos pequenos campos para os grandes estádios. É possível perceber claramente essa transformação através dos *football grounds* ingleses: antes locais acanhados, com singelas arquibancadas de madeira e capacidade raramente superior a 30 mil espectadores; agora arenas modernas, onde se acomodam de 60 a 70 mil pessoas.

O futebol segue lutando contra a alcunha de “alienante”

“Ópio do povo” – A questão é que o futebol já não pode ser visto como mero entretenimento. Agora o jogo influi em afinidades pessoais e é capaz de colocar-se de forma tão crucial na vida das pessoas quanto o rumo de uma guerra. Mais do que disputa estéril no campo das improbabilidades, o futebol acurase, desenvolve-se na direção de uma esquematização, tanto fora quanto dentro de campo. Em outras palavras, torna-se “sério”, uma atividade artístico-cultural como outra qualquer, com a diferença nem tão sutil de que seu público é contado na casa dos milhões. Alguns estudiosos sustentam que não há diferença prática entre uma partida de futebol e um espetáculo de dança ou uma representação teatral.

Parece exagerado afirmar que o futebol sofreu – e ainda sofre – preconceito, na medida em que majoritariamente é adorado em praticamente todos os países do mun-

do. Mas Giulianotti esclarece que a origem do futebol esteve ligada às classes abastadas, atingindo somente após algum tempo as camadas inferiores da pirâmide social. Essa identificação com o popular motivou algum desprezo por parte da elite intelectualizada, que renegou o futebol à categoria de diversão violenta, improdutiva e alienante. Atualmente, conforme demonstra Giulianotti, as classes médias predominam como participantes e consumidores do espetáculo.

O futebol, não tendo plenamente reconhecido seu valor social e artístico, quase nunca figurou como objeto de estudo. Sempre foi tratado como caso à parte, criando códigos de valores e uma mística em torno de si próprio – e até mesmo uma forma exclusiva de jornalismo, à qual normalmente se atribui valor menor.

Houve uma mudança na abordagem do futebol nas décadas posteriores à Primeira Guerra Mundial, período que Giulianotti denominou de era moderna, e, sobretudo, a partir dos anos 1990, que o pesquisador chama era pós-moderna. Organizando-se cada vez mais, o futebol pôde ser interpretado como uma arte performática, e conquistou reconhecimento parcial enquanto tal. Porém, não resta dúvida de que, a despeito da quantidade de fãs que arregimenta cada vez mais, segue lutando contra a alcunha de elemento de alienação da sociedade, aquilo que passamos a considerar “o ópio do povo”.

Enquanto ocorre a Copa do Mundo, o fenômeno do futebol torna-se evidente, quase impositivo. Essa é a festa maximizada, engrandecida pela exposição midiática e pelo envolvimento de 32 nações na mesma competição. É interessante notar, entretanto, que, passada a euforia do encontro de povos ao redor e dentro de campo, a paixão e a devoção ao futebol segue a mesma, desde os campeonatos regionais até a mais humilde “pelada” de bairro. De fato, não se trata apenas de um jogo. É muito mais que isso.

*Jornalista, formado pela Fabico

O melhor do mundo é brasileiro

Desde que o precursor Charles Miller, oriundo da Inglaterra, trouxe a primeira bola e apresentou o futebol aos seus contemporâneos brasileiros, no final do século XIX, nosso país estabeleceu uma verdadeira paixão pelo esporte. De lá para cá, o desenvolvimento dos jogadores e dos próprios torcedores aconteceu de forma bastante acelerada e peculiar em relação aos outros centros em que o futebol encontrou solo fértil. Em 1947, o jornalista Mário Filho, que dá o nome oficial ao estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, apresentou em forma de livro aquilo que acreditava ser o principal trunfo do futebol brasileiro: a participação do negro e a imediata identificação popular com o jogo. Mário, irmão do dramaturgo Nelson Rodrigues, traça a história do elitista futebol carioca do início do século XX que, pouco a pouco, vê a presença dos negros e mulatos aumentar. No contexto de então, o futebol brasileiro ainda expressava-se em inglês (“forward”, “centre-half”), e os “homens de cor” eram barrados nas portas dos vestiários e estádios. O jornalista não tem dúvidas: a contribuição do negro fez do futebol brasileiro o melhor do mundo. E justifica, sem chance de réplicas: “Dondinho era preto, preta dona Celeste, preta vovó Ambrosina, preto o tio Jorge, pretos Zoca e Maria Lúcia. Como se envergonhar da cor dos pais, da avó que lhe ensinara a rezar, do bom tio Jorge que pegava o ordenado e entregava-o à irmã para inteirar as despesas da casa, dos irmãos que tinha de proteger? A cor dele era igual. Tinha de ser preto. Se não fosse preto, não seria Pelé”.





Mais espaço na hora das refeições

Restaurantes
Reformas devem aumentar a capacidade dos RUs, que servem refeições a preços subsidiados

Ademar Vargas de Freitas

Todos os dias, menos sábados, domingos e feriados, pontualmente às 11h, as panelas são colocadas nos *pass-through* (dispositivos que conservam a temperatura da comida) dos quatro restaurantes universitários da UFRGS. Segundo o coordenador dos restaurantes, Paulo Peres, para servir as 5.500 refeições oferecidas a cada dia, no almoço e no jantar, são necessários 460 quilos de arroz, 245 quilos de feijão, 920 quilos de carne, 870 quilos de banana, 760 quilos de tomate e 89 dúzias de pés de alface.

No RU1, o restaurante do Campus Centro, que funciona junto à Casa do Estudante Universitário (CEU), na Avenida João Pessoa, são servidos diariamente 110 cafés, 1.800 almoços e 650 jantares. O novo RU2, Campus Saúde, recentemente inaugurado, dá almoço para 1.100 pessoas e, em breve, estará oferecendo jantar. No RU3, Campus do Vale, são servidos 2.200 almoços e 500 jantares, enquanto o RU4, na Faculdade de Agronomia, oferece 60 cafés e 550 almoços.

O café para os moradores das casas de estudantes, das 7h às 8h, é servido por R\$ 0,50; o almoço vai das 11h às 13h15min; e o jantar, das 17h30min às 19h. Os 2.051 alunos que têm bolsa-benefício pagam R\$ 0,50, alunos sem benefício R\$ 1,30 e funcionários R\$ 1,75. Tem ainda a categoria eventual (um pai em visita ao filho, um estudante de outra universidade) que paga R\$ 1,40. O suco tem o mesmo preço para todos: R\$ 0,30.

Compras – Segundo o administrador Paulo Peres, as compras são feitas por licitação por um período de seis meses, os produtos não-perecíveis são entregues mensalmente e os perecíveis, como a carne, vêm diariamente, enquanto frutas e verduras são entregues de dois em dois dias. Para proteger esses provimentos, a administra-



No RU3, localizado no Campus do Vale, são servidos 2.200 almoços e 500 jantares

ção mantém um sistema periódico de desinsetização e desratização que deixam insetos e ratos fora do ambiente. Antes havia gatos, mas foram retirados.

Peres entrou no setor em 1978, aos 20 anos de idade. Foi gerente do RU4 e, depois, assumiu a administração dos quatro restaurantes. Saiu, ficou dez anos fora do setor, retornando em 2003 na função de coordenador dos RUs. “Teve gente que me chamou de louco por ter voltado, mas eu voltei porque gosto.”

Conforme o administrador, os RUs apresentam problemas de todo tipo. Um mês atrás, faltou óleo para a caldeira no Restaurante do Vale, e o pessoal teve que improvisar no fogão a gás. No RU do Centro, esse perigo não existe, pois só se usa gás, uma bateria de 13 botijões de 45 quilos a cada semana. Peres ainda precisa administrar questões com funcionários (um total de 150 pessoas que trabalham 6 horas por dia, a maioria terceirizada), ou com frequentadores (que são milhares). Alguns reclamam da fila, outros da comida. “Às vezes, quando não gostam de um certo tipo de alimento, dizem que a comida está ruim.”

Também é comum que vegetarianos reclamem que “tem carne no

feijão”. Peres diz que a cozinheira até pode retirar um pouco de feijão para essas pessoas antes de colocar a carne, mas não dá para fazer comida separada. “Não temos estrutura para isso.”

A diretora da Casa do Estudante Universitário (CEU), Maria Elisabete Martini, informa que praticamente todos os moradores da Casa tomam o café da manhã, almoçam e jantam nos restaurantes universitários.

Romance na cozinha – É comum encontrar irmãos, pai e filho, marido e mulher trabalhando juntos.

A mãe do administrador, por exemplo, trabalhou por muitos anos na cozinha do RU do Centro, onde se aposentou. Peres destaca ainda o fato de que, assim como os moradores da CEU, os funcionários do RU também acabam se conhecendo, namorando e até casando. “A Dalva, por exemplo, conheceu o Clodoaldo aqui.”

A funcionária da copa Dalva Pereira Líbio, 47 anos, confirma. Ela começou a trabalhar como auxiliar de cozinha no dia 23 de agosto de 1989, Clodoaldo entrou dois dias depois, na mesma função. “Tivemos dois filhos, foi uma história

bonita, mas acabou: nos separamos, ele casou de novo e foi morar noutra cidade. Agora a gente quase não se vê.”

Dalva acha bom trabalhar no RU Centro. “Me divirto muito, converso com os estudantes... os educados, né? Porque tem uns que, francamente... Alguns me chamam de tia. Se é um guri com 18 ou 19 anos eu até aceito, mas se é um barbado velho, fica engraçado me chamar de tia, né?”

Quem trabalha há muito tempo nos RUs tem outras histórias para contar. João Mota, aposentado que retornou como terceirizado no setor de recursos humanos, relata um caso ocorrido vinte anos atrás. Um grupo de estudantes de medicina, reunido em Porto Alegre para um congresso, promoveu bateção de talheres e bandejas, protestando contra o então gerente do RU Centro. Motivo: avisado na última hora e impossibilitado de servir um jantar comum, o gerente mandou fazer um sopão, que ninguém quis tomar.

A operadora de caixa Lídia Podrodowski lembra que, certa vez, um grupo de estudantes conseguiu introduzir um garrafão de vinho no restaurante (onde são proibidas as bebidas alcoólicas) e fez uma festa. Quando a segurança da casa descobriu, já não havia o que fazer. “Os estudantes estavam pra lá de alegres, tinham consumido todo o conteúdo do garrafão”, conta Lídia.

Os restaurantes servem cerca de 5.500 refeições todos os dias

Um novo layout para encurtar as filas

Até o primeiro semestre de 2007, o RU1, no Campus Centro, terá passado por reforma nas aberturas, na estrutura elétrica e hidráulica. Isso vai permitir um novo desenho do ambiente, com o acréscimo de mais 120 lugares à mesa, ficando com um total de 440. Com a reabertura do RU2, Campus Saúde, no início deste semestre, o número de assentos aumentou de 120 para 280, e a capacidade passou de 400 para 1.100 refeições. O RU3, Campus do Vale, terá seus dois salões reformados, dobrando os atuais 500 lugares. Só no RU4, na Agronomia, não haverá modificações, pois essa unidade sofreu reformas há menos de dois anos.

Em função das filas que se formam na hora do almoço, foi criado um grupo de trabalho para estudar um novo layout interno para os dois restaurantes maiores. O grupo, composto por representantes da Secretaria de Assuntos Estudantis (SAE), do Diretório Central de Estudantes (DCE) e do Centro de Processamento de Dados (CPD) decidiu instituir a compra antecipada de tickets. Essas modificações vão ajudar a diminuir as filas que se formam ao meio-dia nos dois principais RUs.

Mas o secretário de Assuntos Estudantis, Ângelo Ronaldo Pereira da Silva, considera que o tamanho das filas é um reflexo do desemprego e do empobrecimento da popula-

ção. “De 1997 a 2006 houve um incremento de mais de 100% dos usuários dos RUs, e essa demanda continua a crescer. O novo layout e a venda antecipada certamente vão melhorar o atendimento, mas também deverão determinar um aumento na demanda, com consequências no subsídio dado pela Universidade ao setor, que chega a mais de 52% do valor das refeições.”

Ângelo diz que para fazer mudanças é necessário ter recursos específicos. “A proposta da Reforma Universitária era de 5% da verba de custeio, mas estamos gastando mais de 14%. Por enquanto, conseguimos manter o que temos, mas faz falta um restaurante no Campus Olímpico e a construção de mais uma casa de estudantes que abrigue também alunos da pós-graduação e professores visitantes. Essa demanda é um ponto de reivindicação do movimento estudantil.”

Além de fornecer refeições, os restaurantes universitários servem como campo de experimentos, lembra o titular da SAE. “Os RUs não são apenas ‘comelódromos’, como brincam alguns: eles também integram a parte acadêmica da Universidade, com a realização de estágios.” Ângelo informa que o Curso de Nutrição promove aulas práticas nos restaurantes semestralmente, o Curso de Engenharia da Produção faz trabalhos em sua área e, quando necessário, colabora com análises laboratoriais de amostras de alimentos. No momento, o Instituto de Biociências estuda a substituição dos copos descartáveis por canecas, e uma aluna da Escola Técnica analisa formas de utilização dos resíduos alimentares produzidos pelo RU do Campus do Vale.

Vitrine dos periódicos

Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento
Volume 7 – 2005

Publicação do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento, da Pró-Reitoria de Extensão
Editor: Sérgio Antonio Carlos
R\$ 12,00



A revista traz seis artigos que abordam questões amplas e específicas na área do envelhecimento. O

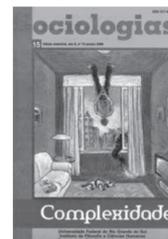
texto de abertura, da antropóloga Alda Britto da Motta, intitulado “Viúvas: o mistério da ausência”, é um estudo exploratório sobre a viuvez feminina na terceira idade.

A autora analisa a viuvez como uma condição social peculiar, que representa uma súbita quebra de equilíbrio, real ou suposto, das relações de família. Constituída por uma maioria não-jovem, de atuação principalmente doméstica, a viúva tem pouca visibilidade e sofre forte pressão social.

Atualmente, fatores como a maior inserção das mulheres no mercado de trabalho abrandaram essa pressão, propiciando o surgimento de um perfil mais dinâmico. O ponto fundamental constatado pela antropóloga está na diferença entre as viúvas mais jovens e as mais velhas. Menos escolarizadas e informadas, as mais velhas sofrem uma espécie de asfixia afetiva dos filhos e netos, que lhes retira o acesso a uma liberdade que não chegaram a conquistar, porque ainda não era possível “no seu tempo”.

Sociologias – Complexidade
Nº 15, Ano 8, jan/jun 2006

Revista semestral do Programa de Pós-graduação em Sociologia
Editores: José Vicente Tavares do Santos e Maira Baumgarten
R\$ 12,00



Dossiê dedicado ao estudo da complexidade, abrangendo desde os significados do conceito, os debates

que o envolvem e a análise das mudanças nas formas de conhecer. Na apresentação, Maira Baumgarten ressalta que o paradigma da ciência moderna, assentado na razão e na máxima “conhecer para controlar”, reduziu os problemas e suas respostas a modelos para a ação transformadora sobre a natureza e controladora da sociedade, produzindo conhecimentos disciplinares com alto nível de especialização. Contudo, natureza e sociedade nunca deixaram de ser complexas e o essencial é ter em vista que os poderes preditivos da ciência são limitados pelas características da própria realidade empírica social e/ou natural.

As publicações aqui divulgadas podem ser adquiridas nas Livrarias da UFRGS

Reuniões tomam lugar dos manifestos

Política

Movimento estudantil, que já defendeu a universidade nas ruas, troca protestos por discussões

Jacira Cabral da Silveira

Depois da vitória dos estudantes franceses que saíram às ruas em protesto ao que o governo tentava fazer com a lei do primeiro emprego, a indagação é quase imediata: onde está a rebeldia e a defesa dos direitos sociais que já caracterizou os estudantes brasileiros? Surgem algumas tentativas de resposta: a UNE é governista; a mídia não divulga os protestos; o partidarismo nos grêmios estudantis e diretórios acadêmicos inibe a ação dos estudantes. Estas são algumas das explicações de lideranças novas e antigas da UFRGS para o suposto silêncio dos estudantes brasileiros.

Para Raquel Matos Silva uma das coordenadoras do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UFRGS e estudante de Publicidade e Propaganda, os bixos chegam meio assustados, totalmente perdidos, sem conhecer os espaços dentro da universidade. Ela lamenta o fato de muitos não conhecerem o papel dos centros acadêmicos, que “são espaços que servem de ouvidoria toda vez que enfrentamos algum problema”. Salieta ainda a importância da Secretaria de Assuntos Estudantis (SAE) como referência dentro da universidade.

Depois de duas gestões no diretório, recebendo os calouros, Vicente Ribeiro, outro coordenador do DCE e estudante de História, observa que os egressos de escolas onde havia um grêmio estudantil forte chegam mais organizados à universidade. Para ele, mais do que as questões individuais, o que deve mobilizar os estudantes são as lutas comuns.

Wanderlei Carraro, professor do curso de enfermagem no primeiro e último semestre da graduação e ex-líder estudantil, pensa diferente. Com base em seus 30 anos de magistério, observa que os calouros mantêm-se afastados dos diretórios por precaução. Dizem não estar dispostos a assumir as posturas partidárias vigentes nas entidades. Por outro lado, existem aqueles que, por terem se desencantado com os líderes de seus partidos, hoje se portam como espectadores, “como a maioria da população”. Wanderlei diz que eles não se representam nem se sentem representados.

Raquel se opõe a este comportamento. Segundo ela, que não está ligada a nenhum partido, todo aquele que tem críticas deve se fazer ouvir e ocupar seu espaço, e não apenas assumir uma postura conformada. Vicente, filiado ao P-Sol, entende que as opções político-partidárias de uns não devem servir de impedimento para a atuação de outros e considera natural que um estudante comece a pensar sobre que projeto social deseja ver construído em seu país. Isso, segundo ele, também se dá através da filiação partidária.

Inimigos – “O que falta hoje em dia no movimento estudantil são os inimigos”, avalia o professor Wander-



Protestos de rua, que foram a marca de décadas anteriores, hoje são raros

lei, que no início dos anos 70 foi detido pelo Dops, juntamente com outro membro da direção do diretório do curso de Enfermagem. Eles deveriam responder sobre a procedência de uma caixa contendo livros, pastas e fotos, encontrada num forro falso na sede do diretório durante a inspeção do local após um incêndio. “Naquela época, sabíamos contra quem estávamos lutando.”

Wanderlei chegou de Bento Gonçalves para estudar na UFRGS em 1972, ano da reforma do ensino superior. Como de imediato conseguiu vaga na Casa do Estudante Universitário (CEU), na Avenida João Pessoa, logo cedo se viu envolvido com o movimento estudantil. “Quando chegávamos, a primeira entidade que nos acolhia era o DCE.” Lembra o sentimento de segurança por encontrar uma entidade que o representava, na qual a qualquer momento poderia chegar e ouvir: “Estamos aqui, e as tuas dificuldades serão as dificuldades do DCE.”

Outra condição que contribuía para a maior integração dos estudantes era o Ciclo Básico, no Campus Saúde, onde os calouros ficavam concentrados durante o primeiro semestre de universidade, pois a opção por curso só ocorreria no semestre seguinte. No início, Wanderlei apenas observava. “Tudo era novo, a começar pela cidade. Comecei frequentando grupos pequenos, que se encontravam à noite no salão do barzinho da Casa do Estudante.”

Hoje o professor não observa o mesmo envolvimento. Contrapondo esta “apatia”, recorda a paralisação de 1973 em frente à Casa do Estudante e também quando quebraram o muro que impedia o acesso ao Diretório Central. Entre as ações, havia o repúdio pelo desaparecimento de professores e colegas durante a ditadura e a reivindicação por cursos à noite. Segundo ele, de 1969 a 1973 houve efervescência do movimento estudantil. “Cada vez que a rádio clandestina da Casa do Estudante ia ao ar, em questão de quatro ou cinco horas, tínhamos cerca de 800 estudantes fechando a Avenida João Pessoa.”

Wanderlei atribui a pulverização dos movimentos à fragmentação que teve início com a proliferação

dos partidos políticos. Este fato provocou problemas na história do movimento estudantil. Ele recorda o final dos anos 70, logo depois de sua graduação, quando já não era possível reunir estudantes com tanta facilidade por causa das representações políticas.

Para o professor, “é difícil juntar pessoas em torno de uma ideia e lutar por ela, pois cada partido tem uma interpretação própria para toda questão que vem à tona na sociedade”. Ele considera que isso impede a mobilização coletiva. “Encontramos muita gente para discutir, para polemizar, mas não para tomar decisões.”

Debates e embates – Correto ou não, o fato é que o diagnóstico de Wanderlei faz pensar. Desde o final de 2004, o DCE da UFRGS vem discutindo a questão da Reforma Universitária. O movimento estudantil se posiciona contra o que identifica como eixo principal da reforma: a ampliação do ensino superior através da destinação de verbas públicas para financiar universidades privadas. Raquel sustenta que o dinheiro deveria vir dos impostos das universidades privadas e ser aplicado nas públicas.

A dirigente lembra que não basta facilitar o ingresso na universidade privada para resolver o problema daqueles que não têm dinheiro. Como pagar os preços altos dos RUs destas instituições? Como comprar livros de R\$ 500,00? “Eles disseram que foram destinados não sei quantos mil com o projeto ProUni, mas quantos permanecem depois de um ano de projeto?”

Entretanto, por que a questão não ganha as ruas se é tão importante? “As denúncias de corrupção abafaram muita coisa”, justifica Raquel. Por outro lado, atribui à pressão do movimento estudantil o fato da reforma ainda não ter sido aprovada. Segundo Vicente, esta mobilização foi liderada pelos DCEs e federações de cursos em nível nacional. “Através destas instâncias, criamos a rede das entidades que se opõe à reforma.”

Contrária não só ao que propõe o governo, como também ao que defende a atual direção da União Nacional dos Estudantes: “Eles estão extremamente ligados ao governo”, acusa Vicente. Para

ele, esta divergência dentro do movimento estudantil ocorre pelo fato dos estudantes não terem controle sobre instâncias como a UNE: “Estas entidades dependem muito mais das pressões, opiniões e decisões do Palácio do Planalto, do que das pressões e decisões dos estudantes”.

Segundo Raquel, durante todo o ano de 2005, enquanto o grupo nacional de DCEs se reunia para discutir sua posição contrária à reforma, a União Nacional organizava caravanas para defendê-la. Em pleno encontro nacional, ocorrido na época dos escândalos da corrupção, Raquel comenta que a UNE fez um ato em defesa de Lula: “Entendemos que uma entidade deve ser crítica e exigir que as investigações sobre corrupção cheguem ao seu final e não fazer um ato em defesa deste governo”.

Márcio Cabral, diretor de políticas educacionais da UNE e estudante de Pedagogia na UFRGS, nega esta vinculação, embora reconheça que a entidade tem privilegiado o diálogo com o governo. No caso específico da reforma universitária, afirma que a atuação da entidade é crítica e provoca discussão entre os estudantes.

Conforme o dirigente, 90% dos centros acadêmicos presentes à reunião do Conselho de Entidades de Base, em abril deste ano, exigiu a apresentação do projeto da reforma na Câmara dos Deputados: “o governo tem que honrar o compromisso assumido”. E, diferente do que afirma Raquel, Cabral alega que, se até hoje o projeto da reforma não foi aprovado, é porque era necessário antes a aprovação do Fundo de Desenvolvimento Básico (Fundeb), o que só ocorreu no início deste ano.

Sem vínculo partidário, Cabral insiste na independência da entidade e acusa a mídia por não veicular as manifestações da UNE que atestam esta autonomia. Cita como exemplo, a mobilização contra a política econômica do governo, no dia 21 de abril, em Recife, quando a entidade articulou 8 mil estudantes.

“Ficamos fora da grande mídia porque ela queria que estivéssemos gritando: fora Lula”. Se, por um lado, Cabral revela que a UNE não apoiará qualquer candidatura nas próximas eleições, por outro, o estudante faz questão de informar que a entidade fará forte oposição aos candidatos do PSDB, afinal de contas: “Eles tentaram vender as universidades”, condena.

Pergunte ao professor ?

O que é intolerância à lactose?

Intolerância à lactose, ou hipolactasia, é a incapacidade de digerir o açúcar que está presente no leite e em seus derivados. É um problema muito freqüente, que afeta bem mais da metade da população mundial, particularmente adultos afro-descendentes e orientais. No nosso país, estudos recentes têm mostrado que esta é uma situação comum, com grandes variações de freqüência, revelando a diversidade da população brasileira.

Os indivíduos com intolerância à lactose não expressam a enzima (lactase) em concentração suficiente para permitir a “quebra” do açúcar e sua adequada absorção pelo intestino. A hipolactasia decorre da diminuição dos níveis da enzima a partir da infância. Em torno do terceiro ano, o nível da lactase cai para 5% até 10% em relação ao encontrado ao nascimento. O açúcar não digerido permanece no interior do intestino, sofre fermentação pela flora bacteriana e produz gases.

O mecanismo para a persistência da atividade enzimática não está totalmente desvendado, mas sabe-se que esta capacidade é geneticamente determinada e que há mutações no gene codificador da enzima que propiciam a intolerância. Não pode ser considerada uma doença, embora os portadores dessa situação apresentem manifestações clínicas muitas vezes bastante desconfortáveis: diarreia, distensão abdominal, náuseas e flatulência. O “grau de intolerância” varia, há pessoas intolerantes a pequenas quantidades de leite, outras só sentem desconforto com mais de dois copos do produto.

O diagnóstico é simples quando há história clínica sugestiva, e a confirmação é feita através de testes laboratoriais. O tratamento é aparentemente fácil e consiste na retirada da lactose da dieta. O leite (da vaca e de outros animais) e seus derivados devem ser substituídos por produtos sem lactose. Na prática, não é tão simples, pois devem ser abolidos leites em pó e/ou *in natura*, cremes, pudins, sorvetes, chocolates, creme de leite, requeijão, leite condensado etc. Vale lembrar que tanto os leites “integrais” quanto os “desnatados” e “semi-desnatados” contêm lactose, e que muitos medicamentos apresentam açúcar na sua formulação. Sugere-se, portanto, que os indivíduos hipolactásicos leiam com cuidado as bulas dos remédios e sejam orientados para evitar a deficiência de cálcio que pode ocorrer quando utilizam as dietas sem a necessária supervisão. Atualmente, há excelentes produtos industrializados lácteos sem lactose, que podem ser ingeridos sem problemas.

Themis Reverbel da Silveira
Professora da Faculdade de Medicina, médica gastroenterologista

Sim, o petróleo é nosso.

Nos últimos meses, os brasileiros têm sido bombardeados por uma ampla campanha publicitária que alardeia a conquista da auto-suficiência na produção de petróleo alcançada pela Petrobras. A estatal, que nos últimos anos atuou fortemente na exploração de novas jazidas em solo brasileiro, consolidou-se como multinacional com investimentos em prospecção e refino em diversos países, entre eles a Bolívia. Apesar da nacionalização das reservas bolivianas de gás natural, anunciada em 1º de maio pelo presidente Evo Morales, a empresa não recuou na política de expansão e, segundo o noticiário de seu próprio site (www.petrobras.com.br), está ampliando a atuação em países como o Paraguai, a Colômbia e Angola.

Para o cidadão comum, no entanto, fica uma dúvida: se temos auto-suficiência, por que o preço da gasolina não baixou? Na tentativa de responder a esta e a outras questões, o Jornal da Universidade conversou com três professores de diferentes áreas que oferecem uma visão do problema: o economista Luiz Miranda, o geólogo Luiz Fernando De Ros e o historiador Adolar Koch, todos da UFRGS.

Auto-suficiência
Professores da UFRGS
opinam sobre as
conseqüências
práticas da autonomia
na produção de
combustível

Mas vamos continuar pagando caro

Ânia Chala

Luiz Miranda, professor da Faculdade de Ciências Econômicas, diz que uma das poucas coisas que no Brasil parece ter alguma coerência de longo prazo é a busca permanente por petróleo. “O que está se conseguindo hoje em termos de auto-suficiência é resultado de décadas de prospecção e de investimento na construção de equipamentos. É mérito da sociedade brasileira. Em especial, daquela parcela que lutou para manter a existência da Petrobras como uma empresa nacional.”

Miranda, que foi conselheiro da Agência Estadual de Regulação dos Serviços Públicos Delegados do Rio Grande do Sul (Agergs), recorda que, durante toda a década de 90, a Petrobras viveu sob constante ameaça de privatização. Ele acredita que caso isso tivesse ocorrido, provavelmente, o volume de petróleo extraído pela empresa não seria afetado, mas como as grandes companhias interessadas na privatização eram norte-americanas e européias, o combustível ficaria à disposição dessas economias, como reserva estratégica.

Assim, o economista entende que a permanência da Petrobras como empresa nacional garantiu uma perspectiva de longo prazo rara na economia brasileira, bem como a situação atual de oferta de petróleo equilibrada com a demanda interna. No entanto, alerta para o fato de que, se houvesse um aumento da demanda por combustível pelo crescimento da economia, não teríamos como suprir todo o mercado interno e, nesse caso, o ajuste da demanda interna seria feito pela retomada de importações de petróleo. “Isso significa que não há perspectiva de redução de preço dos deri-

vados de petróleo, nem sequer de queda da taxa de crescimento desses preços, porque a política da Petrobras a esse respeito, com o suporte do Ministério das Minas e Energia, é de que haja um balizamento do valor interno do petróleo brasileiro a partir da cotação nos mercados internacionais.”

Tal estratégia, segundo ele, busca acumular reservas para dar capacidade financeira de continuidade da prospecção à empresa. “Se fosse possível, e é, rebaixar o preço interno dos derivados de petróleo, a Petrobras reduziria a sua capacidade de financiamento e investimento na prospecção, na extração e no refino do petróleo”, explica o professor. Isso significaria uma diminuição dos preços no presente e uma pressão pelo seu aumento no futuro, na medida em que se verificasse crescimento da demanda e não houvesse ampliação da oferta pela falta de investimentos na prospecção, na extração e no refino. Por isso, Miranda considera essa política da estatal razoavelmente coerente, “caso contrário, teríamos a falsa sensação de que agora que temos auto-suficiência o petróleo é barato e, portanto, podemos consumi-lo doadamente. E isso não é verdade, porque se trata de uma fonte de energia não renovável”, complementa.

O economista destaca a importância da oferta a preços constantes em termos de preço real do petróleo, associada a uma política de diversificação da matriz energética, quer por energia hidrelétrica, eólica ou gás, apesar dos problemas com a Bolívia. “Essa é uma matriz energética coerente e bem pensada, pois colo-

ca em segundo plano a possibilidade de aumento de energia atômica. E isso me parece muito sensato, já que, além de potencialmente perigosa, a energia atômica é muito cara.”

O preço do álcool e a política – Luiz Miranda vê o problema dos custos do álcool como uma questão política, uma vez que a escala da produção de álcool no Brasil está associada ao latifúndio rural nordestino e paulista. “Esse pessoal tem muita força política, e não há senador ou deputado federal do Nordeste ou de São Paulo que não defenda os interesses do álcool.”

Segundo o professor, o problema está no fato de que, enquanto a propaganda diz para a sociedade que o álcool é uma alternativa, na verdade, na hora em que os produtores se defrontam com uma situação de aumento do preço internacional, a prioridade não é o consumo interno, mas a exportação. Isso cria uma situação paradoxal, pois todo o estímulo à indústria açucareira, financiado de maneira subsidiada pelo Estado, não tem nenhuma contrapartida no compromisso dos usineiros para com a população. “Se esses produtores tivessem constituído a sua atividade econômica apenas com dinheiro privado, tudo bem. Deixa-se o mercado regular os preços e dane-se o consumo interno. Mas a expansão da indústria do açúcar e do álcool foi feita com dinheiro público”, contesta.

Nesse sentido, o economista ressalta que, tanto o governo de Fernando Henrique Cardoso como o de Lula têm como base de sustentação políticos paulistas e nordestinos. “Está

no poder um petismo paulista. Basta ver os nomes das lideranças: Luiz Marinho, Ricardo Berzoini, Antonio Palocci, Luiz Gushiken, José Genoíno, José Dirceu e o próprio Lula, que pelo fato de ter nascido no Nordeste não deixa de ser politicamente paulista.”

De acordo com Miranda, o aprofundamento da política neoliberal do atual governo, em nome do equilíbrio das contas públicas e do combate à inflação tem certa lógica, mas assumiu uma dimensão exagerada. “Isso provoca pobreza pela criação de desemprego a um nível inaudito”, declara, acrescentando que a taxa de crescimento de nossa economia tem sido rastejante. Esse tipo de situação gera pobreza e violência no espaço urbano, que são remediados por programas assistenciais. “Assim, o governo tira com a mão direita e dá com a esquerda. Não dá para afirmar que esse seja um desenho de política sócio-econômica deliberada, mas é o que acontece na prática.”

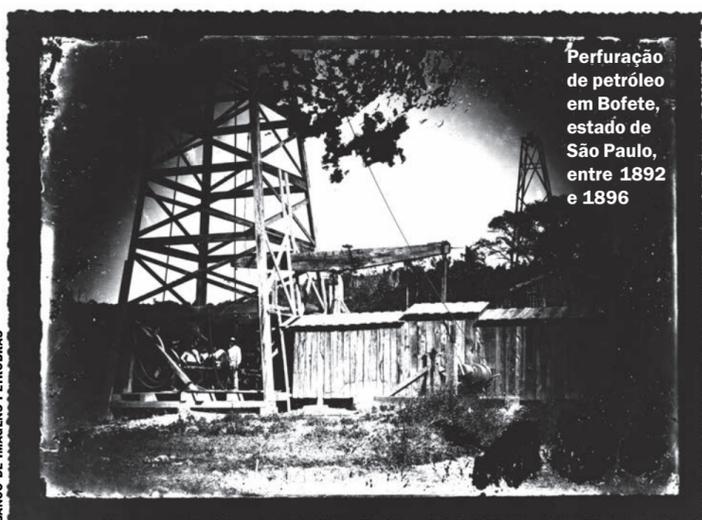
Da mesma maneira, no caso da auto-suficiência energética do petróleo, pois a dimensão publicitária é muito maior do que o impacto real que isso possa ter nas condições de vida da população. A auto-suficiência é o resultado defasado de um programa de investimentos de mais de duas décadas e que se defrontou com uma redução do ritmo de crescimento da economia não previsto. Em outras palavras, a retração da nossa economia fez com que haja o excedente, ou a auto-suficiência. Não fosse assim, estaríamos dependendo das importações. A mesma coisa se aplica à energia elétrica. “O governo andou falando em ‘espetáculo do crescimento’. Se tivéssemos isso teríamos outros espetáculos bem desagradáveis, como o apagão”, completa o economista.

História do petróleo está ligada ao nacionalismo

Para o professor do departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Adolar Koch, que se dedica ao estudo do período Vargas na disciplina de História do Brasil, a busca pela auto-suficiência em termos de petróleo começa em 1938 com a formação do Conselho Nacional do Petróleo, em pleno período entre-guerras e dentro de uma ideologia nacionalista.

Até 1946, o Brasil não produzia praticamente nada em termos de petróleo, enfrentando enormes dificuldades para obter combustível. Quando terminou a Segunda Guerra, o governo do general Eurico Gaspar Dutra formou uma comissão que propôs o Estatuto do Petróleo. Esse documento, segundo o professor, não especificou claramente como se daria a exploração do combustível e, na época, havia a preocupação de que a exploração do petróleo fosse entregue à empresa norte-americana Standard Oil, do grupo Rockefeller.

Nesse contexto, surgiu o movimento "O petróleo é nosso", que opôs nacionalistas e entreguistas. Liderados pelo general Horta Barbosa, primeiro presidente do Conselho Nacional do Petróleo, os nacionalistas viam a questão como um ponto estratégico para o desenvolvimento do País e, em 1948, criaram o Centro de Estudos e Defesa do Petróleo (CDEP), órgão que agregou entidades como a UNE, o PCB e setores nacionalistas, liderando a campanha pelo petróleo exclusivamente brasileiro. "Havia os que queriam que tivéssemos uma empresa 100% nacional e os que achavam que precisávamos de capitais privados e/ou estrangeiros", lembra o historiador, para quem a campanha do 'petróleo é nosso' foi talvez o único



Perfuração de petróleo em Bofete, estado de São Paulo, entre 1892 e 1896

BANCO DE IMAGENS PETROBRÁS

movimento de opinião no Brasil que se colocou acima dos partidos.

O professor recorda que, na Praça da Alfândega, no centro de Porto Alegre, foi construída uma torre de petróleo simbolizando a campanha e, quando se instaurou a ditadura, a torre foi removida porque era um símbolo de Vargas. Com a redemocratização, um grupo ligado àquele movimento levantou uma nova torre para resgatar o antigo símbolo.

Em 1951, quando Getúlio Vargas chegou à presidência, eleito pelo voto direto, retomou a questão do petróleo, apresentando uma

solução estatal com um projeto técnico aprovado somente em 1953. "Muitos questionam por que os norte-americanos não se interessaram mais, e a provável resposta é que havia muita oferta em nível mundial. Além do que, a estatização não ia contra os interesses estrangeiros, porque permitia uma ampla distribuição." Por isso, o historiador acredita que, em certo sentido, os nacionalistas foram derrotados, pois eles queriam uma empresa 100% nacional e não o conseguiram.



FLÁVIO DUTRA

Torre localizada na Praça da Alfândega simboliza a campanha "o petróleo é nosso"

O gás da Bolívia

Como nossas reservas são de petróleo pesado, a importação de combustível será mantida

Luiz Miranda acha que a estatização decretada pelo presidente boliviano está amparada pelo direito internacional. "Evo Morales foi eleito democraticamente e tem o direito de errar. Como a Petrobras vai resolver o problema? Não sei, mas é verdade que no nível do direito internacional se a nacionalização é prevista, também o são as formas de ressarcimento dos capitais investidos. Aliás, qualquer contrato decente, deveria ter uma cláusula de previsão de encampação."

O economista diz que o preço do gás de cozinha deverá subir por conta das reservas especulativas que as empresas distribuidoras vão procurar fazer. "A pior consequência será sentida pelas empresas, que tinham outras formas de geração de energia e passaram a utilizar o gás porque ele era mais barato."

Aos que converteram seu carro para GNV (gás natural veicular), como é o caso de muitos taxistas nas capitais brasileiras, o professor aconselha que busquem o sistema judiciário para garantir seus direitos, pois é o que se faz num país em que os cidadãos têm o hábito e a consciência de que esse é um recurso legítimo.

Ele acrescenta que o Ministério Público pode até mesmo ter a iniciativa de fazê-lo, mas que politicamente isso é uma coisa muito complicada, porque se dirá que é contra o Brasil. "No entanto, do ponto de vista jurídico, são os interesses difusos da população que eventualmente ficaram comprometidos pela ação de uma empresa pública sobre a qual caberiam restrições."

Sobre a questão do gás boliviano, o geólogo Luiz Fernando De Ros, professor do Instituto de Geociências, acredita que foi um desses casos em que a ingerência do principal acionista da Petrobras falhou em termos estratégicos. Para ele, trata-se de uma questão geopolítica, pois se sabia que existiam algumas reservas de gás, e o governo brasileiro decidiu investir geopoliticamente na Bolívia, um país aliado. "Mas a Petrobras investiu na exploração e instalação de refinarias num país que nunca teve estabilidade política ao longo de toda a sua história. Um país virtualmente dividido em dois, com ressentimentos históricos e uma sucessão de ditaduras."

O professor, que trabalhou na área de pesquisa da Petrobras por quase uma década, entende que essa não foi uma decisão tecnicamente adequada. "Se tivéssemos investido esses mesmos recursos na exploração das reservas de gás do Brasil, possivelmente teríamos achado reservas equivalentes às do país andino. No Espírito Santo, por exemplo, está em estudo uma bacia com um potencial de produção muito promissor", acrescenta.

De fato, a crise gerada pela estatização das reservas bolivianas traz problemas para as indústrias que utilizam gás, e De Ros acredita que, se o governo brasileiro continuar com um tratamento político da questão sem ata-

Adolar Koch afirma que não havia grandes riscos de que o petróleo deixasse de nos pertencer, mas o nacionalismo reforçou a necessidade de unir forças em torno de um inimigo externo. "Cada nação procura suas identidades, e o nacionalismo gerado durante o Estado Novo estava presente com a volta de Vargas à presidência", diz o historiador, que destaca o fato de que a burguesia brasileira nunca foi capitalizada e precisava do dinheiro externo. "Acho que Vargas não poderia ter feito diferente, mas em seu segundo governo ele jogou muito com a ambigüidade, misturando o sentimento nacionalista que

ele havia construído anteriormente com os novos ventos norte-americanos que vieram com a Guerra Fria. E essa ambigüidade, de certa forma, custou-lhe a vida."

O professor enfatiza que, quando os militares tomam o poder, em 1964, instauraram uma política de planejamento técnico, criando fortes grupos burocráticos. "Eles desejavam que o desenvolvimento fosse gerado com segurança e, por outro lado, as estatais representavam um grande cabide de empregos."

Segundo o historiador, vivemos agora em plena campanha eleitoral, baseada no resgate de um sentimento nacional. "Lula está a toda hora buscando coisas no passado para construir sua reeleição e retomou o tema como o petróleo, que mexe com o sentimento de amor à pátria. É uma jogada de marketing eleitoral, pura manipulação. Quero saber o que temos a ganhar com o fato do petróleo ser nosso."

Adolar Koch finaliza dizendo ter uma convicção em relação ao governo Lula e ao segundo governo Vargas: ele acha que os dois momentos históricos são parecidos. "A forma como Lula construiu as alianças de seu governo se assemelha em muito à adotada por Vargas, que trouxe para dentro de seus ministérios antigos inimigos. Lula fez costura política semelhante. Às vezes, esse tipo de aliança pode se aproximar de um suicídio político", conclui o professor, que também considera a disputa política com a Bolívia uma jogada ensaiada entre Evo Morales e Lula. "O melhor para ambos, em ano de eleições é arrumar um inimigo externo para unir forças internamente."

car a questão de forma um pouco mais comercial, a situação pode piorar. Ele lembra que já tivemos problemas parecidos com outros países nos quais injetamos recursos. Um exemplo bem característico foi o de Itaipu, cuja construção pretendia aumentar a importância e influência do Brasil entre os vizinhos do Cone Sul. "Até hoje pagamos uma fortuna ao Paraguai pelo uso da energia gerada naquela usina. Possivelmente, essa não foi a decisão mais adequada, já que a área a ser inundada era muito grande. O resultado é que Itaipu até hoje não rendeu o que deveria render para o Brasil. Quem sabe a questão do gás com a Bolívia seja um Itaipu 2?", indaga o geólogo.

Importação deve continuar – Luiz Fernando De Ros considera que, mesmo com a auto-suficiência, o Brasil vai continuar a importar petróleo, porque grande parte das reservas da Petrobras são de petróleo pesado, adequado para a produção de asfaltos e lubrificantes, mas não para a geração de óleo diesel, gasolina e outros derivados mais leves. Assim, vamos continuar a importar combustível e, em alguns casos, vamos exportar para outros países parte do petróleo pesado que produzimos.

O professor ressalta que o País ainda tem deficiências nas suas refinarias, porque as nossas instalações foram desenhadas para o tipo de petróleo mais leve, obtido, por exemplo, na bacia do Recôncavo. "Por isso, precisaremos de um grande investimento na construção de novas refinarias. Por enquanto, vamos exportar esse petróleo para outros países, como a Venezuela, e trocá-lo por óleo mais leve."

Por conta desses fatores, o geólogo prevê que, para o consumidor, a auto-suficiência

Cronologia de uma luta

1931 – O escritor Monteiro Lobato cria a Companhia Petróleos do Brasil, que cinco anos mais tarde faria jorrar em Alagoas, no poço São João, de Riacho Doce, o primeiro jato de gás de petróleo. Lobato escreve cartas a Getúlio Vargas, milita na imprensa, faz palestras, estuda as novas técnicas de produção do petróleo, exigindo políticas de investimento e de desenvolvimento para exploração das riquezas brasileiras, até que é preso, em 1941, em pleno Estado Novo, sob a acusação de tentar desmoralizar o Conselho Nacional do Petróleo.

1947 – O presidente Eurico Gaspar Dutra lança o Estatuto do Petróleo, que instaura um grande debate nacional ao abrir mão da completa nacionalização do setor. No Clube Militar, tem início uma das maiores campanhas políticas da história brasileira, que ficaria famosa pelo slogan "O petróleo é nosso". De um lado, o grupo dos nacionalistas liderado pelo general Horta Barbosa, que se opunha radicalmente à participação de capital estrangeiro na exploração de jazidas; de outro, os entreguistas do general Juarez Távora, que reconhecia a falta de capital nacional para investimento de tamanha envergadura e abria espaço para investidores estrangeiros.

1948 – Morre Monteiro Lobato. A União Nacional dos Estudantes (UNE) cria a Comissão Estudantil de Defesa do Petróleo, em decorrência do movimento de mobilização nacional. Os nacionalistas lideram uma campanha bem articulada, enviando 30 mil cartas endereçadas a formadores de opinião em todo o país.

1951 – Durante seu segundo governo, Getúlio Vargas envia ao Legislativo um projeto-de-lei propondo a criação da Petrobras, pensando em contentar os nacionalistas sem desencorajar os investidores privados, nacionais e estrangeiros. As discussões transcorreram em clima emocional, e a Lei 2.004 que cria a Petrobras é promulgada em outubro de 1953, depois do projeto original sofrer várias emendas.

não vai significar uma queda no preço da gasolina, até porque, com o fim do monopólio, não existe mais efeito direto dos custos de produção da Petrobras sobre os preços. "Quando a empresa perdeu o monopólio, ficou acertado que ela passaria a praticar os preços comerciais internacionais", diz o professor, para quem a auto-suficiência é importante para o Brasil em termos estratégicos.

Segundo ele, para o consumidor final, a diferença é que os preços nunca vão aumentar ou diminuir subitamente, uma vez que a Petrobras sempre irá acompanhar as flutuações de forma gradual para não provocar crises econômicas.

Como ex-funcionário da Petrobras, o professor reconhece que a empresa trabalha com planejamento de longo prazo e revela que ela já tinha condições de obter essa auto-suficiência há alguns anos, mas decidiu não acelerar esse processo porque tem uma visão estratégica. Além disso, a empresa se especializou na exploração de petróleo em águas profundas, obtendo grande êxito na ampliação das reservas do país. A nova plataforma P 50, localizada na Bacia de Campos, no litoral fluminense, vai produzir petróleo de mais qualidade, inclusive gás. "A Petrobras quer ser uma multinacional de energia, capaz de atender ao mercado brasileiro e ter presença internacional", garante De Ros, para quem os braços internacionais mantidos pela empresa sustentam toda uma linha estratégica que vai desde a exploração até a venda dos derivados.

Com relação aos investimentos em fontes alternativas de energia, o professor afirma que há anos a Petrobras desenvolve um programa de pesquisa para busca de novas fontes seja em combustíveis ou não-combustíveis.



Uso da energia nuclear é irreversível

Tecnologia Apesar de Chernobyl, cientistas defendem os benefícios da aplicação da radioatividade

Jacira Cabral da Silveira

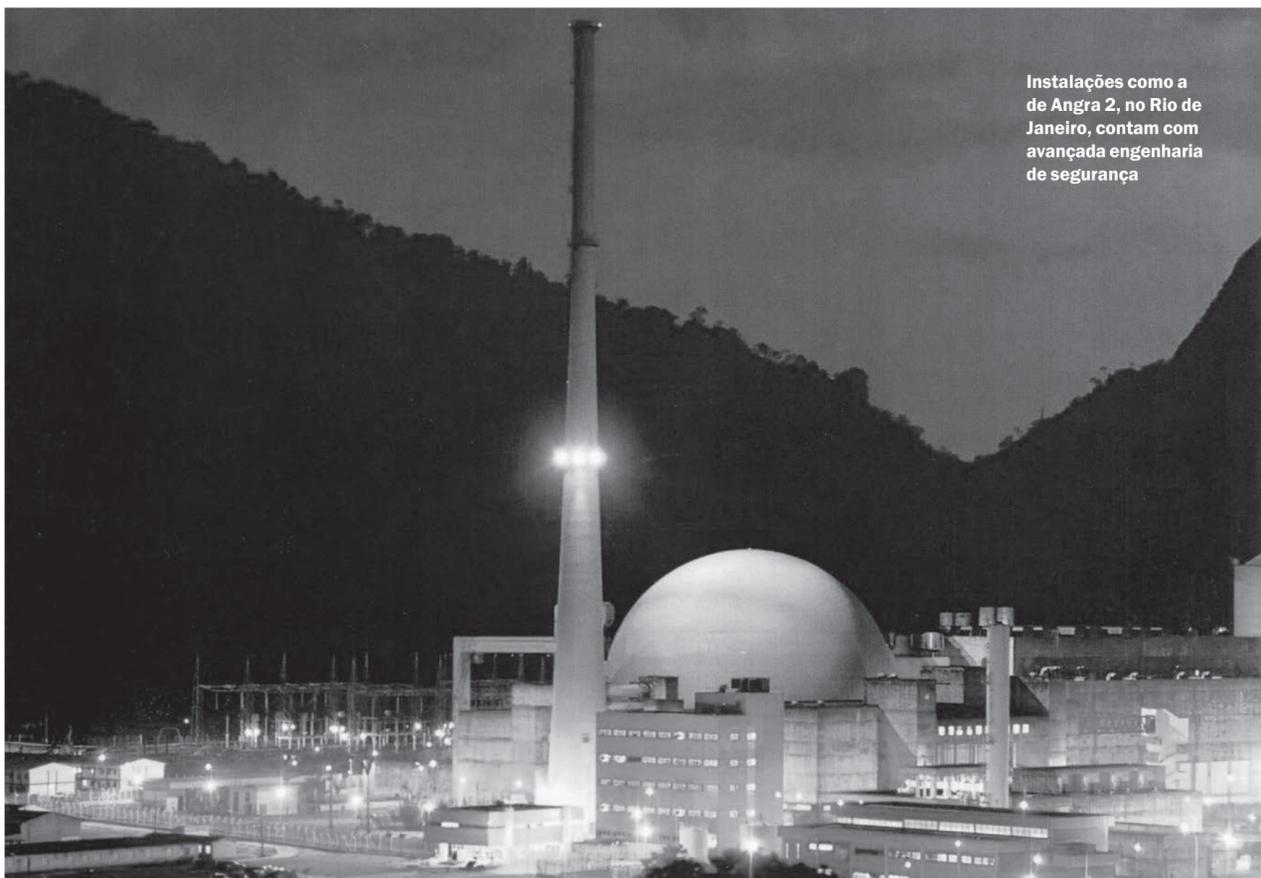
Lembrar os 20 anos de um acidente com as dimensões do ocorrido em Chernobyl, no norte da Ucrânia, é muito mais do que resgatar a memória, é um ato de avaliação do quanto tem avançado a pesquisa e as políticas na área da energia nuclear.

Desde o ano passado, a UFRGS abriga no Instituto Latino-americano de Estudos Avançados (Ilea) o escritório da Comissão Nacional de Energia Nuclear (Cnen) para o Rio Grande do Sul. Durante o primeiro encontro técnico-científico Cnen-UFRGS ocorrido em abril, no Ilea, pesquisadores da universidade divulgaram seus trabalhos em desenvolvimento na área nuclear. Na ocasião, foram apresentados projetos nas áreas de informática (simulação computacional de fenômenos ambientais), geociências (avaliação da exposição radioativa de trabalhadores em minas subterrâneas), engenharia nuclear (criação de reator intrinsecamente seguro) e biofísica (aplicação em medicina nuclear). A coordenação do evento foi da professora Ana Maria Xavier, uma das criadoras do serviço de proteção radiológica da UFRGS e membro do Cnen.

Para o professor e pesquisador do Departamento de Biofísica, Eloy Julius Garcia, o escritório da Cnen na UFRGS possibilitará parcerias com os programas da Comissão. “Antes, nosso acesso era apenas por correspondência.” Em reunião com o diretor de pesquisa e desenvolvimento do Cnen, Alfredo Tranjan Filho, Garcia expôs o interesse da Biofísica da UFRGS em produzir radiofármacos nacionais, estimulando assim novas pesquisas. “Hoje em dia, o que não é produzido em São Paulo, é importado a preços muito altos.”

Riqueza brasileira – “Vivemos num ambiente de radioatividade e, como o ser humano se desenvolveu nesse ambiente, presume-se que seja tolerável a esta radiação.” Ana Maria explica que existem na natureza elementos radioativos, sendo que os principais são o urânio e o tório. No Brasil, há grandes concentrações destes dois elementos, principalmente no estado de Minas Gerais.

Embora a grande quantidade de minas de urânio capacite o país a produzir seu próprio combustível, a fase final desse processo, o enriquecimento isotópico, é de difícil execução. E o Brasil é um dos dez países



Instalações como a de Angra 2, no Rio de Janeiro, contam com avançada engenharia de segurança

DIVULGAÇÃO/ELETRONUCLEAR

que dominam esta tecnologia, “podendo tornar-se referência internacional”, comenta a pesquisadora.

Por outro lado, ela alerta sobre a forte oposição que sofrem aqueles países que dominam a tecnologia do enriquecimento, devido à possibilidade da construção de bomba atômica por estas nações. “Se chegam a um enriquecimento de 90% do urânio poderão fabricá-la.” Risco impossível no Brasil, argumenta Ana Maria, pois nossa Constituição só permite o uso da energia nuclear para fins pacíficos.

Para a professora, não há mais como escapar da energia nuclear. Até porque são infinitos os recursos naturais para a sua produção. “Enquanto as outras energias têm uma vida que vai se esvaindo, é imensurável o que temos de energia dentro da matéria que pode ser liberada de forma controlada.” Quanto à segurança, a pesquisadora afirma que existe engenharia suficiente para minimizar os riscos. Do ponto de vista político, acredita que a pressão internacional levará os países a adequarem-se às regras de segurança. Afinal de contas, “acidentes como o de Chernobyl, abalam a confiança num sistema de energia nuclear”.

Ana Maria diz que o que se aprendeu com Chernobyl foi a necessidade de avançar nas questões referentes à segurança dos reatores: “A tendência atual são os reatores intrinsecamente seguros”. No Brasil, a Cnen é o órgão regulatório e fiscalizador, que tem a função de acompanhar todas as etapas necessárias para a entrada em operação de uma instalação nuclear. Segundo dados da Comissão, a prefeitura de Angra dos Reis recebe atualização diária do documento emitido por inspetores da Cnen.

Biofármacos – Experiente pesquisador da área da biofísica, Eloy Julius Garcia comenta que desde 1958 o Laboratório de Imunotracadores, sob sua coordenação, já trabalhava com material radioativo. Ele considera incalculáveis os benefícios da energia atômica para a área da saúde: “Um deles é na utilização de traçadores radioativos (átomos que têm um comportamento químico idêntico ao dos átomos não-radioativos)”.

O primeiro isótopo de iodo utilizado em grande escala foi o 131, para estudos da tireóide, uma glândula que concentra iodo para a formação dos hormônios que produz.

Este uso deflagrou uma série de esclarecimentos com relação à função da tireóide, abrindo-se a oportunidade não só de diagnosticar as disfunções tiroidianas como também de tratar seus excessos de funcionamento, mediante a aplicação de doses mais altas de iodo 131 para destruir parte da glândula.

Outro benefício que o professor Garcia destaca são as várias técnicas de dosagem de hormônios e de drogas, que se desenvolveram a partir do uso de traçadores radioativos. “Em termos de fisiologia hormonal tivemos ganhos imensos com o uso dessas técnicas.”

A irradiação de alimentos, tão comum em alguns países, é mais um uso importante na aplicação de materiais radioativos. O pesquisador explica o que ocorre com os alimentos: como a radiação age nas células que estão em desenvolvimento, a irradiação dos produtos alimentícios impede a formação de fungos e brotos, matando os tecidos que estão em germinação. Garcia esclarece, entretanto, que não há perigo de contaminação, porque o fato de passar pelo processo de irradiação não transforma os alimentos em materiais radioativos.

Não dá pra esquecer

No dia 25 de abril de 1986 uma nuvem radioativa contaminou os céus da Europa. À 1h30min daquele dia, horário da Ucrânia, explodiu o reator 4 da central nuclear de Chernobyl. A Organização Mundial da Saúde estima que possam ter acontecido até 9 mil mortes por câncer devido ao acidente, entre trabalhadores de limpeza, as pessoas retiradas e as que residiam nas zonas contaminadas de Belarus, Ucrânia e Rússia.

Esses números, entretanto, são contestados. O Greenpeace conduziu estudos que chegaram a um total de 93 mil mortes por câncer, ocasionados pela contaminação radioativa. De acordo com o relatório Torch, de pesquisadores ingleses, o número de vítimas fatais em todo o mundo situa-se entre 30 e 60 mil.

“A essa análise é preciso acrescentar o fato de que outras patologias também são induzidas pelo acidente, especialmente cataratas e moléstias cardiovasculares”, informa o Le Monde, em 26 de abril deste ano, e continua: “Para que o cálculo ganhe precisão, será preciso, como dizem os pesquisadores, de maneira clássica, continuar os estudos. E, de preferência, sem pressão”.

Independente da apuração precisa da quantidade de vítimas diretas e indiretas, mais próximas ou distantes do momento da contaminação, o fato é que, a partir daquele dia fatídico de abril, o combustível nuclear ardeu durante dez dias, liberando na atmosfera milhões de radioelementos que correspondem a mais de 200 bombas como aquela que os Estados Unidos lançou sobre Hiroshima, no final da II Guerra Mundial.

O QUE É?

Fonte: Escritório da Comissão Nacional de Energia Nuclear (Cnen) na UFRGS

Rejeito radioativo: qualquer material resultante de atividades humanas, que contenha radionúcleos em quantidades superiores aos limites de isenção especificados na Norma CNEN-NE 6.02: “Licenciamento de Instalações Radiativas”, e para o qual a reutilização é imprópria ou não prevista. Comumente se empregam as expressões lixo atômico e lixo nuclear como referência ao rejeito radioativo.

Energia nuclear: a energia que o núcleo do átomo possui, mantendo prótons e nêutrons juntos. Quando um nêutron atinge o núcleo de um átomo de urânio-235, dividindo-o com

emissão de dois a três nêutrons, parte da energia que ligava os prótons e os nêutrons é liberada em forma de calor. Este processo é denominado fissão nuclear. Nessa fissão em cadeia, os nêutrons, liberados atingem, sucessivamente, outros núcleos.

Reator nuclear: equipamento no qual se processa uma reação de fissão nuclear. Um reator nuclear para gerar energia é, na verdade, uma central térmica nuclear, em que a fonte de calor é o urânio-235.

Central nuclear: complexo industrial destinado à produção de energia elétrica por meio de uma ou mais usinas nucleoeletricas.

Combustível nuclear: material físsil, ou contendo núcleos físsis que, quando utilizados em um reator nuclear, possibilita uma reação nuclear em cadeia.

Material físsil: material que sofre fissão por nêutrons térmicos. Exemplos: urânio-235, plutônio-239 e urânio-233.

Usina nucleoeletrica: instalação fixa dotada de um único reator para produção de energia elétrica.

Armazenamento do combustível nuclear utilizado: extraídos do reator são introduzidos em piscinas de concreto revestidas de aço inoxidável, cheias de água, com a

finalidade de armazená-los durante certo período, para que sua radioatividade diminua.

Ciclo do combustível: conjunto de processos envolvidos no preparo e recuperação de combustível para reatores nucleares de potência.

Elemento combustível: conjunto de varetas combustíveis mantidas unidas por espaçadores, formando um feixe introduzido individualmente no reator nuclear. O núcleo do reator é composto por um grupo de elementos combustíveis.



Projeto de reator conta com apoio da AIEA

Inovação Agência Internacional de Energia Atômica financia pesquisa da Engenharia Nuclear da UFRGS

Jacira Cabral da Silveira

Pelo segundo ano, o Departamento de Engenharia Nuclear da UFRGS renovou contrato de parceria e financiamento com a Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), dentro do programa *Small Reactors Without On-site Refuelling (Srwor)*. O reator FBNR (Fixed Bed Nuclear Reactor), criado e desenvolvido pelo engenheiro nuclear e pesquisador do CNPq, professor Farhang Sefidvash, foi um dos quatro projetos de reator refrigerado selecionados pela AIEA em 2003, durante encontro internacional de pesquisadores. Os outros reatores foram projetados no Japão, Rússia e Estados Unidos. Os países participantes não estão sob suspeita de desenvolver tecnologia nuclear para fins não-pacíficos.

A geração de energia nuclear não produz CO₂, principal causador do efeito estufa. Desde o Protocolo de Kyoto, que exige dos países industrializados redução gradual de suas emissões de CO₂ na atmosfera, a AIEA está comprometida em assegurar que a energia nuclear estará disponível para suprir de maneira sustentável as necessidades de energia do século 21.

Segundo Farhang, como a percepção pública em geral é de que os reatores nucleares convencionais não são adequados, é necessário o desenvolvimento de novos conceitos de reatores nucleares. “Devem ser inovadores para alcançar os objetivos de economia, segurança, impacto reduzido ao meio ambiente, resistência à proliferação nuclear e sustentabilidade, conforme os critérios estabelecidos recentemente pela AIEA como essenciais para os futuros reatores nucleares.” Doutor em engenharia nuclear pelo Imperial College da Universidade de Londres e com 27 anos de pesquisa em um novo conceito de reator nuclear, o professor Farhang falou ao Jornal da Universidade sobre a atual concepção dos futuros reatores nucleares à luz de uma nova filosofia de segurança.

Jornal da Universidade – O que é este novo conceito de reator nuclear?

Farhang Sefidvash – A filosofia de geração da energia nuclear do futuro é totalmente diferente da atual. O surgimento de reatores nucleares inovadores é uma mudança de paradigma que está baseada em uma nova filosofia de segurança. Isso fará com que a ocorrência de acidentes como o de *Three Mile Island* e o de *Chernobyl* seja impossível. Há um desafio aos cientistas e tecnólogos do mundo para desenvolver um novo conceito de reator nuclear, com segurança inerente e resfriamento passivo, em que se atinja praticamente “segurança total”. Segurança inerente significa que as leis da natureza

governam a segurança do reator, e não os sistemas de segurança ativos que podem falhar. Desta forma, um novo conceito de reator nuclear foi criado no Departamento de Engenharia Nuclear da UFRGS, o Reator Nuclear a Leito Fixo (FBNR), que atualmente está sendo desenvolvido sob projeto coordenado pela AIEA.

JU – Como o senhor avalia a questão da necessidade mundial de produção de energia?

FS – O aumento da população mundial e a melhora de seu padrão de vida implicam maior produção de energia, em particular, a elétrica, essencial no processo de desenvolvimento. Cerca de 30% da energia primária global são consumidos na geração de eletricidade, em torno de 15% são usados para o transporte, e os 55% restantes convertidos em água quente, vapor e calor. Com base nestes dados, acredito que a so-

“**Reatores pequenos atendem a demandas locais de consumo, sem perda de energia**”

lução do problema energético não está em uma única fonte de energia, mas no conjunto das várias alternativas, pois cada fonte energética é apropriada para atender diferentes necessidades. A porcentagem da contribuição de cada forma de energia depende da demanda.

JU – É possível conciliar a produção de energia com a preservação do meio ambiente?

FS – Cada vez mais a humanidade está preocupada com o impacto da produção de energia sobre o meio ambiente, especialmente no que diz respeito à emissão de gases do efeito estufa, como o gás carbônico (CO₂). Uma das alternativas cogitadas para resolver este problema foi o uso da energia nuclear, que pode ser produzida em abundância e não emite gases do efeito estufa. Por isso, a energia nuclear tem um papel importante, desde que produzida de maneira segura e utilizada nas aplicações apropriadas, observando os novos padrões exigidos.

JU – Quais os perigos de um reator nuclear convencional?

FS – O principal risco está num possível acidente, devido ao qual não se possa retirar do reator o calor gerado pela fissão ou pelo decaimento dos produtos de fissão. Assim, o reator esquenta demais e pode derreter o revestimento do combustível, liberando os produtos de fissão, que são materiais radioativos, e contaminando o meio ambiente. Nos reatores convencionais, o controle é feito pelos sistemas ativos e nos reatores inovadores é realizado pelos sistemas passivos, que representa segurança total.

JU – O projeto do reator nuclear desenvolvido no Departamento de Engenharia Nuclear da UFRGS é de pequeno porte. Por que esta opção?

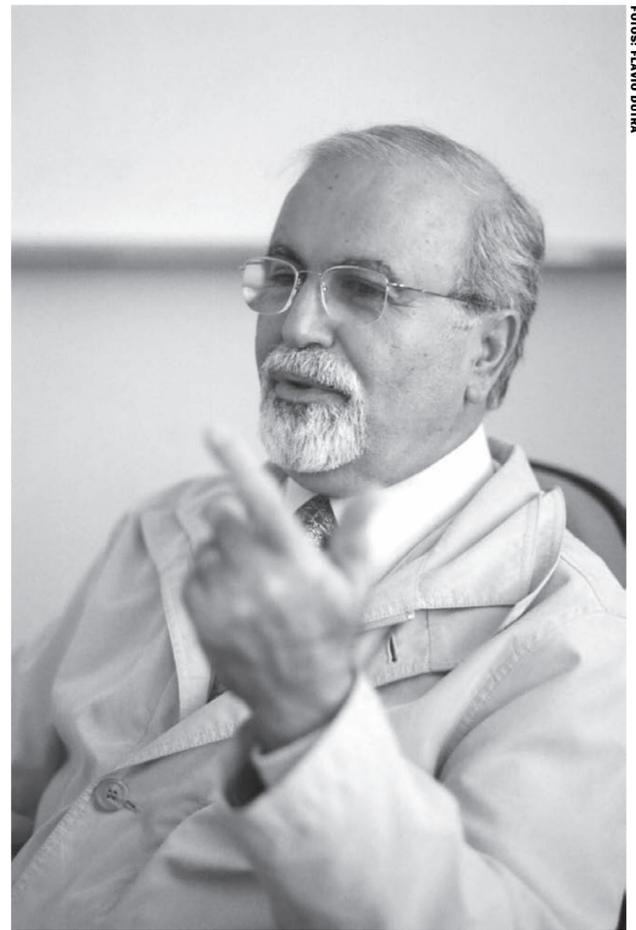
FS – Estudos da AIEA demonstram a necessidade de reatores de pequeno porte para a geração de energia, porque atendem a demandas locais de consumo, sem perda de energia e custo zero na transmissão a longas distâncias. Também, as redes elétricas dos países pequenos não comportam a energia gerada por um reator grande, pois o tamanho de cada fonte não pode exceder de 10% a 15% da energia total da rede, sob o risco de um *blackout*. Os reatores de pequeno porte respondem às necessidades de consumo de curto prazo, possibilitando investimentos menores periodicamente e evitando investimentos maiores ao antecipar possíveis necessidades de longo prazo. O FBNR tem 40 MWe (*megawatt electrical*) de potência.

JU – Por que o senhor se refere a este novo conceito de reator como um “ovo de Colombo”?

FS – Nos reatores nucleares convencionais, os elementos de combustíveis são permanentemente fixos dentro do núcleo do reator. Nesse novo conceito, os elementos de combustíveis entram no núcleo quando o reator está operando e saem quando o reator passa ao estado não operacional. Em 2004, esse fato chamou a atenção dos consultores da AIEA, que elogiaram a aplicação futura deste conceito.

JU – Além do custo, que outras vantagens o senhor destaca?

FS – Os reatores de pequeno porte oferecem a opção de geração de eletricidade em conjunto com a dessalinização de água, que corresponde às necessidades urgentes de muitos países em desenvolvimen-



FOTOS: FLAVIO DUNHA

to. A falta de água potável é generalizada, enquanto temos água do mar em abundância. A dessalinização é uma maneira efetiva de fornecer água para os povos do mundo. Em países industrializados, o mercado de energia elétrica clama por uma geração de energia flexível que os pequenos reatores podem oferecer.

JU – Como é o reator FBNR?

FS – É um projeto simples e acessível a países em desenvolvimento. A tecnologia utilizada é a de reatores de água pressurizada (PWR), disponível no país. Portanto, não é preciso que se desenvolva uma nova tecnologia para implementação deste projeto. Basicamente, o reator FBNR é parecido com o reator PWR convencional (tipo de reatores das usinas de Angra), mas com combustíveis mais robustos.

JU – De que maneira foram desenvolvidos os mecanismos de segurança no FBNR?

FS – Caso haja algum mau funcionamento, qualquer sinal de um dos sensores que farão o monitoramento do reator ajustarão o funcionamento ou cortarão a energia elétrica da bomba do refrigerante. O corte no fluxo de água refrigerante fará com que os elementos de combustível, sob ação da força da gravidade, saiam do núcleo do reator e caiam na câmara de combustível, onde são armazenados em condição subcrítica e resfriados. Isso praticamente resulta na segurança total do conceito do FBNR.

JU – O que é e como o FBNR resolve o problema de proliferação nuclear?

FS – Esse problema ocorre quando pessoas não autorizadas e mal intencionadas têm acesso e roubam combustível nuclear, que pode ser usado na fabricação de uma bomba. No FBNR, o combustível está no interior de uma câmara selada pelas autoridades nacionais e da AIEA, sofrendo inspeções regulares. Além disso, enquanto nos rea-

tores convencionais o combustível é trocado todo ano, no FBNR a câmara de combustível é levada para a fábrica para troca de combustível a cada 10 anos. Não existe assim, possibilidade de furto do combustível deste reator.

JU – E o problema do lixo nuclear?

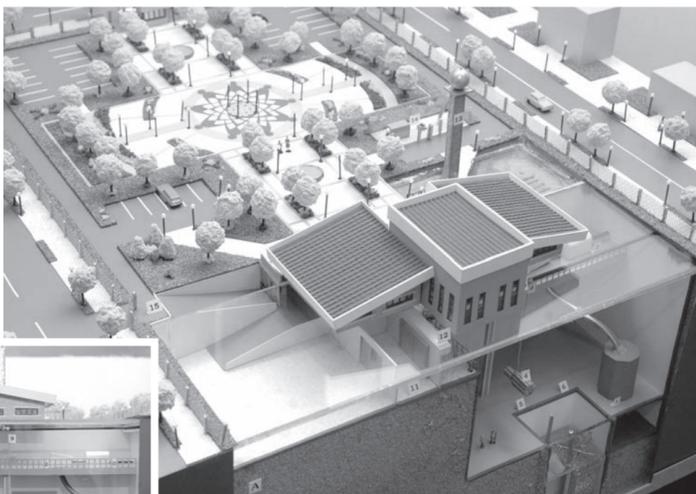
FS – Geralmente o público considera lixo nuclear o combustível usado nas usinas, porque nos reatores convencionais esse material não tem utilidade direta. Mas os elementos de combustíveis do reator FBNR são esferas de 15 mm de diâmetro, que podem ser usadas como fonte de radiação para aplicação na indústria, na agricultura e, possivelmente, na medicina. Por exemplo, o Dr. Sils Lars, da Finlândia, está propondo a utilização do combustível usado do FBNR num projeto de esterilização hospitalar.

JU – Quem são seus colaboradores diretos neste projeto do FBNR?

FS – Vários países mostraram interesse, mas neste momento os grupos que estão colaborando ativamente são: Centro Tecnológico do Exército do Brasil, Gazi University da Turquia, Universidade Católica do Uruguai, e INST-VAEC Comissão Nacional de Energia Nuclear do Vietnã. Este ano nosso plano de trabalho é fazer os cálculos neutrônicos do reator.

JU – Depois de 27 anos de pesquisa neste projeto, o que representou o apoio da AIEA?

FS – O importante é que hoje a AIEA, maior autoridade na área de energia nuclear, escolheu o FBNR como um projeto viável para a futura produção de energia nuclear. Com esta “grife”, autoridades e financiadores poderão investir com a certeza de que estão participando de um projeto seguro e com grandes perspectivas. Os interessados em acompanhar o andamento da pesquisa podem acessar o site www.rcgg.ufrgs.br/fbnr.htm.



Maquete do reator criado e desenvolvido no Departamento de Engenharia Nuclear da UFRGS





Um agitador chamado Hermínio Bello de Carvalho

Música *O compositor carioca reclama do acesso limitado a obras importantes da música popular brasileira*

Ânia Chala

Produtor musical, poeta, compositor e descobridor de talentos, Hermínio Bello de Carvalho é avesso ao rótulo de criador de projetos. Já no começo da entrevista, sua primeira preocupação foi dizer que não inventou nada sozinho e que nenhuma de suas idéias é original, acrescentando que suas iniciativas sempre levaram em conta o trabalho de outras pessoas. Aos 71 anos, exercita seu incansável desejo de partilhar o conhecimento das raízes da cultura brasileira na oficina “Levando um lero”, que realiza junto à Escola Portátil de Música (www.escolaportatil.com.br), um programa de educação musical de capacitação e profissionalização de músicos através da linguagem do choro.

Ele esteve na UFRGS no início de maio para participar do debate de abertura do projeto Unimúsica sobre a memória da música popular. Questionado sobre a situação da MPB, respondeu com outra pergunta: “A qual música você se refere, à que eu sou obrigado a ouvir ou àquela que está marginalizada?”, para em seguida reclamar da ditadura imposta pelo mercado, que oferece ao público um cardápio muito restrito em comparação à diversidade da nossa música. Além disso, os meios de comunicação não colaboram na disseminação da produção musical e há um processo intencional de imbecilização.

O papel das TVs educativas – Hermínio lamentou o fato das emissoras educativas estarem alterando sua programação na tentativa de concorrer com os canais comerciais. “Em 1976, produzia um programa na TV Educativa do Rio do qual participavam Aracy de Almeida, Paulinho da Viola, Cartola, Radamés Gnattali e Nelson Cavaquinho, que na época eram a margem da música brasileira. A maioria desses programas foi apagada e tudo o que restou são cópias caseiras.”

Segundo o produtor musical, as emissoras educativas estão nas mãos de quem nada entende do assunto, que não hesita em mandar limpar as fitas de arquivo, apagando toda uma memória que deveria ser preservada. “Não consigo uma única imagem em movimento do Jacob do Bandolim, que morreu em 1969”, denuncia. Paralelamente, canais como a TV Senado e a TV Câmara veiculam excelentes programas musicais que não são divulgados pelas emissoras educativas da televisão aberta.

O problema do acesso limitado a obras importantes da música brasileira foi sentido na própria Escola Portátil de Música. “Conversávamos sobre Anacleto de Medeiros ou Chiquinha Gonzaga, e as crianças perguntavam: quem são esses?”, relata Hermínio. A solução foi criar apostilas audiovisuais, que



FLÁVIO DUTRA

“Engavetamento da informação é um crime inafiançável. Informação é para circular”

depois se transformaram numa midiateca composta por discos paradidáticos produzidos para consulta na própria escola e que garantem o acesso àquilo que o comércio e os meios de comunicação não disponibilizam. O compositor vê esse aspecto como o diferencial da Escola Portátil. “Antes das oficinas, as partituras são enviadas por *e-mail* para os alunos e, no caso de uma música pouco conhecida, eles recebem também a gravação em casa. Assim, fugimos do engavetamento da informação, coisa que considero crime inafiançável. Informação é para circular e cabe aos meios de comunicação e, sobretudo, às emissoras educativas de rádio e televisão.”

Criada em 2000 por Maurício Carrilho, Luciana Rabello, Álvaro Carrilho, Celsinho Silva e Pedro Amorim, a Escola Portátil conta atualmente com o patrocínio da Petrobras. Os cerca de 500 alunos recebem material didático especialmente elaborado pela equipe de professores e todos os suportes necessários ao ensino do choro.

Política e preservação da memória – Hermínio acredita que existem verdadeiros tesouros musicais ignorados pelo público, porque estão trancados a sete chaves em instituições espalhadas pelo país. Um exemplo ilustrativo é a história dos 122 rolos de fitas inéditas do músico Jacob do Bandolim. Essas fitas foram gravadas durante os saraus do mestre do chorinho quando ele reunia em sua casa a nata dos chorões cariocas. Após sua morte, esse acervo foi parar no Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro (MIS). Anos depois, Hermínio descobriu que as fitas estavam apodrecendo. “Lancei pela Internet um antimanifesto, que repercutiu a ponto de impulsionar a criação do Instituto Jacob do Bandolim, dirigido pela filha do instrumentista Elena Bitencourt.” Quando Edino Krieger assumiu a presidência do Museu, ob-

teve verbas junto à Petrobras e assinou um convênio com o Instituto para a digitalização do acervo.

Infelizmente, no meio desse processo, entrou em ação o que Hermínio chama de “policialia” do governo carioca e Edino Krieger foi substituído. “No Brasil, vivemos à mercê das tramas que envolvem essa engenharia política maluca, cuja última preocupação é a cultura e a educação”, reitera o agitador cultural que faz questão de dizer que é muito brigão, mas que suas brigas são a favor de idéias e não contra instituições ou pessoas.

O compositor considera que nenhum órgão de cultura, museu, biblioteca ou teatro pode ficar sujeito às mudanças políticas. Dirigir esse tipo de órgão exige conhecimento e não se deve colocar na direção um político ou burocrata que vai tratar aquilo como mais uma repartição pública. “Eu lembro que, quando tentei trazer o projeto Pixinguinha para Porto Alegre, tive muitas dificuldades.

Na época, havia poucas salas em Porto Alegre e o então diretor do Salão de Atos da UFRGS colocou mil empecilhos para a realização dos shows, alegando que havia ensaio de orquestras e formaturas. Fui conversar com o reitor, que entendeu o conceito do projeto e deliberou que ele se realizasse aqui na Universidade. Voltamos ao diretor do Salão e ele finalmente consentiu nos dizendo: ‘Só espero que vocês não tragam os negrinhos do samba aqui para dentro’. E o mais engraçado é que o primeiro espetáculo era justamente com a Clementina de Jesus e o João Bosco.”

Continuidade e reinvenção – Hermínio entende que a renovação dos projetos culturais deve ser buscada nas escolas, trazendo crianças e jovens para os teatros e espaços de espetáculo e oferecendo-lhes programas elaborados com cuidado e profissionalismo. “Entre um evento e esse tipo de projeto há uma diferença enorme. Evento é como diz o próprio nome: é vento, passa e não deixa marca nenhuma. Por isso, é importante entregar algo impresso ao público que apresente os músicos e suas composições, a idéia e o conceito do projeto. Se possível, deve-se gravar e documentar em áudio e vídeo, porque o que você não registrar está perdido.”

O produtor musical conclui afirmando que esse tipo de trabalho acaba atraindo pessoas que têm uma ideologia de divulgação da cultura. Um dia Sivuca lhe telefonou perguntando: “Hermínio, você não está precisando de mim para nada?” Por isso, ele se considera beneficiado pela rede de generosidade que o acompanha desde o início da carreira. Numa biografia que circula pela Internet, o crítico Tárk de Souza assim o define: mais que um mero produtor, o ativista Hermínio Bello de Carvalho interfere nos rumos e (re)faz a história da MPB.

Resenhas

Por Caroline da Silva

Trilhando pela democracia

A obra, que faz parte da Coleção Academia II e foi editada em parceria com a Editora ARGOS da Universidade Comunitária de Chapecó, é uma versão da tese de doutorado de Julian Borba, doutor em Ciência Política pela



O PLANO REAL E AS ELEIÇÕES DE 1994
Ed. UFRGS/Argos, 2006, 392 p., R\$ 30,40*, de Julian Borba

UFRGS e professor na Universidade do Vale do Itajaí. Segundo o prefácio de Marcello Baquero, que foi orientador de Borba no doutorado, a publicação é uma contribuição importante para compreender a configuração do plano real nas eleições de 1994. Tomando a ideologia tecnocrática como conceito condicionante e condicionada nessa cultura política, o autor inicia apresentando o plano real: seu contexto, história e estratégias; as perspectivas teóricas da bibliografia sobre o tema; o papel da inflação – de “doença” à “salvação nacional” – e o seu remédio, as reformas institucionais do plano. Enquanto a primeira parte do livro é a análise do plano real nas idéias tecnocráticas, a segunda estuda a relação desta ideologia com a eleição de 1994. Nos dois últimos capítulos, conhecemos o médico que tem a receita de tal remédio – Fernando Henrique Cardoso – e temos uma investigação sobre cultura política, ideologia e comportamento eleitoral de uma forma geral e no caso brasileiro. Por fim, o autor analisa todo o quadro das eleições daquele ano, do qual FHC saiu vitorioso.

Variações da nossa língua

Coletânea dos textos das conferências e mesaredundadas do Encontro de Variação Linguística do Cone Sul. A organizadora do livro, Ana Maria Stahl Zilles, é professora de Linguística do Instituto de Letras da UFRGS e coordenadora do projeto Varsul (Variação Linguística Urbana na Região Sul). A publicação traz



ESTUDOS DE VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA NO BRASIL E NO CONE SUL
Ed. UFRGS, 2005, 295 p., R\$ 24*, organizado por Ana Maria Stahl Zilles

seis artigos que abordam temas e tendências teóricas no estudo da variação, com destaque para os fatores de formação da população: imigrantes europeus, afrodescendência e a proximidade com os países do Prata. O livro também apresenta quatro narrativas que descrevem a trajetória do projeto Varsul; textos sobre o projeto Alers (Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil); dois ensaios escritos em espanhol, que analisam as variações lingüísticas no Cone Sul e na Argentina; e, por fim, o capítulo Causa, condição e tempo: o problema da articulação de orações, descrevendo os problemas de formas verbais, como os gerundismos, e uma série de expressões que utilizam as preposições inadequadamente. Os artigos são reflexões sobre um tema que tem uma abordagem histórica e cultural e importância sociológica.

*Preços já com o desconto de 20% oferecido nas Livrarias da UFRGS

A trajetória do timoneiro

Hermínio Bello de Carvalho iniciou sua carreira como repórter e colunista de discos. Em 1958, escreveu programas educativos para a Rádio MEC, como “Concertos para a juventude”. Em 1962, publicou o primeiro de cerca de 20 livros de poemas e crônicas sobre personagens da MPB. Em 1965, apresentou ao público Clementina de Jesus, uma empregada doméstica que descobriu numa taberna na Glória. Nesta época, produziu o antológico show “Rosa de ouro”, que, além de Clementina, trazia os então iniciantes Paulinho da Viola, Elton Medeiros

e Nelson Sargento. Com Edu Lobo, agrupou Nara Leão, Caetano Veloso e Torquato Neto no show “Feira de música popular”. Seu leque de parceiros inclui Cartola, Jacob do Bandolim, Paulinho da Viola e Chico Buarque, entre outros. Produziu mais de 100 discos, como os de Radamés Gnattali, Elizeth Cardoso, Cartola, Nelson Cavaquinho e Carlos Cachaca. De 1976 a 1989 foi diretor adjunto da Divisão de Música Popular Brasileira da Funarte, capitaneando um série de projetos, dentre os quais o Pixinguinha, que reuniu duplas

inesquecíveis para cantar pelo país. Na década de 1970, colaborou no Pasquim e produziu programas para a TV Educativa do Rio, como as séries “Água viva”, “Mudando de conversa”, “Lira do povo” e “Contra-luz”. Em homenagem aos seus 70 anos, a gravadora Biscoito Fino lançou em 2005 uma caixa com cinco CDs: *Pastores da noite* (1978), *Alaide Costa canta Hermínio Bello de Carvalho* (1982), *Lira do povo* (1985), *Cantoria* (1995) e *Timoneiro* (2005) – este último, um CD inédito.

Teatro universitário revela a arte ao público

Dramaturgia Caminhos para o meio artístico são aprendidos no Departamento de Arte Dramática

O crescimento do público em espetáculos promovidos pelo Departamento de Arte Dramática (DAD), como as peças mensais do Projeto Teatro, Pesquisa e Extensão, vem ressaltando a importância do trabalho de professores e alunos do curso. Seja em busca de um entretenimento inusitado ou de conteúdo para reflexão, a audiência que comparece às apresentações torna mais visível e faz repercutir a dramaturgia produzida dentro da UFRGS.

Criado em 30 de dezembro de 1957, o curso de graduação em Teatro integrava a antiga Faculdade de Filosofia formando somente atores. O número de habilitações cresceu a partir de 1967, quando o curso passou a formar também futuros diretores de teatro e professores da área. Durante a Reforma Universitária, em 1971, ocorreu o desligamento do curso de Filosofia. Desde então, integra o Instituto de Artes, ligado ao Departamento de Arte Dramática e oferece bacharelado em Direção Teatral, Interpretação Teatral e Licenciatura em Educação Artística com Habilitação em Artes Cênicas.

Assim como nas outras graduações oferecidas pelo Instituto, para ingressar no curso de Teatro, o candidato precisa, antes do vestibular, passar por um teste de seleção aplicado por uma banca de professores. O aspirante a aluno deve decorar um pequeno monólogo para que a qualidade da interpretação seja avaliada. Além disso, é realizada uma entrevista para verificar seus hábitos de leitura e qual a frequência a salas de cinema e teatro.

Conforme explica a chefe interina do DAD, professora Inês Marocco, é oferecido aos alunos no início do curso um trabalho integrado entre as disciplinas. Uma única cadeira, a de Atuação, com aulas diárias, é ministrada por três professores e trabalha conjuntamente aspectos como expressão corporal, vocal e interpretação. Douglas Carvalho, aluno de graduação do terceiro semestre, compreende a importância da ligação entre áreas próximas, mas considera que seria melhor que as disciplinas funcionassem de forma independente “para um professor não ter problemas com o trabalho de outro”, acrescenta.

Nos primeiros semestres, também são oferecidas disciplinas teóricas, como História do Teatro, para que os graduandos se interessem de forma aprofundada a respeito de sua futura profissão. As aulas de início de curso têm disciplinas iguais para alunos dos bacharelados e da licenciatura, mas à medida que avança a formação, o con-



FLÁVIO DUTRA

Todo o artista precisa decidir que tipo de teatro quer fazer, por que e para quem

teúdo das cadeiras vai se afinando de acordo com o interesse de cada estudante. Os alunos que pretendem tornar-se diretores trabalham com seus colegas cujo interesse é a atuação. As atividades conjuntas começam com montagens simples, passando pela encenação de um número cada vez maior de atos de peças ou textos literários até chegar a um espetáculo completo. O objetivo é simples: começar do básico, aumentando a complexidade aos poucos para que o aprendizado teórico se alie à prática.

A disciplina de Direção ministrada por Inês Marocco é exemplo de como funciona uma aula no DAD. Os alunos têm liberdade para atuar por si próprios, e o professor predominantemente se limita a orientar e coordenar os trabalhos. Na adaptação de contos para o teatro, que os alunos realizam em suas aulas, Inês os auxilia a interpretar a fundo os textos escolhidos, elegendo a melhor maneira de encenar uma linguagem literária. Para isso, não é necessário seguir à risca o que já foi escrito; um bom diretor deve aprender a adaptar e permitir que o ator crie também sua própria interpretação.

Ao final do curso, os alunos de Direção e Interpretação Teatral ficam responsáveis por montar um espetáculo completo. Reunidos em grupos ou trabalhando individualmente, pouco antes do término do semestre, os artistas expõem suas peças nas mostras do Departamento. Todos os aspectos de pro-

dução ficam por conta deles, inclusive os custos com iluminação, figurinos, cenário etc. Os graduandos em licenciatura realizam estágios em escolas e outras instituições – como a Fase – e apresentam as atividades realizadas em um painel no DAD.

Técnica e arte – Ainda que o teatro seja uma das tradicionais expressões da arte, como fazê-la não pode ser simplesmente transmitido aos alunos. “Não há uma receita para se fazer arte, existem técnicas e existe o potencial do aluno, que varia conforme cada um”, esclarece Inês Marocco. Esse potencial, que pode ser chamado de talento ou dom, é treinado e aprimor-

O que define a arte no teatro é elaborar a técnica em profundidade

rado através de ações padronizadas aprendidas ao longo do curso. Porém, o ideal é que a técnica desapareça, seja desconstruída durante a encenação dramática. O artístico aparece como resultado desse esforço.

Como toda escola superior de teatro, o DAD oferece uma metodologia de trabalho. Segundo o ator e professor Xico de Assis, formado pela UFRGS em 1999, o exercício teatral tem de fato uma estrutura técnica. “O entendimento do ator como artista passa pela compreensão da técnica”, comenta Xico. O que define a arte no teatro é o profissional elaborar a técnica em profundidade.

Técnica, no sentido pensado pelos docentes e estudantes de teatro, não se refere apenas a trejeitos ou tons de voz, mas também a construir um discurso articulado, que cause algum tipo de efeito no ator e em quem assiste. O texto dramático deve engajar a ambos de forma complexa e profunda. O conteúdo de uma peça, na opinião de Xico, deve provocar questionamentos emocionais, psíquicos e sociais em quem assiste. E isso se obtém através de uma com-

preensão técnica profunda, que leve em conta, tanto aspectos físicos quanto políticos, sociais, entre outros. O diferencial que o DAD apresenta é oferecer teorias, discussões e práticas que tornam cada vez mais claro esse objetivo.

No entanto, o tipo de dramaturgia que cada aluno vai escolher para trabalhar transcende a influência do curso de teatro da UFRGS. O professor entende que abordar questões importantes é um desafio ao qual os artistas deveriam dar prioridade, mas não existe um caminho único. “Toda discussão sobre o teatro deve se iniciar por uma opção: que tipo de teatro se quer fazer, por que fazer e pra quem. Cada pessoa faz teatro por um motivo.” Quando o artista, por exemplo, decide produzir uma comédia de cunho sexual está fazendo uma opção estética e também uma opção de que ele quer dizer. Isso acaba se tornando uma escolha política individual.

O interesse do público também é determinante para que exista essa variedade de discursos teatrais. Uma peça que aborda a crítica social e discussões pesadas sobre as crenças do indivíduo, como é a proposta de “O Túnel”, exibida em maio na sala Alziro Azevedo, atrai platéias abertas a esse tipo de mensagem. Mas há quem espere do teatro apenas um entretenimento leve, e é essa a razão de profissionais também optarem por esse tipo de atuação. Xico afirma que a existência de um maior número de produções teatrais que tratam de um tema questionador, às vezes, é determinada pelo contexto social e político, como ocorreu na época da ditadura no Brasil.

Problemas estruturais – A estudante e representante discente, Camila Nasi Galarza, avalia positivamente o currículo oferecido pelo DAD, mas reclama da falta de estrutura necessária para exercê-lo plenamente. Disciplinas consideradas importantes, como Maquiagem, acabam se tornando eletivas ou são fechadas por falta de professores e de materiais para praticá-las. Outro problema é que a localização do prédio, na Rua General Vitorino, 255, no centro

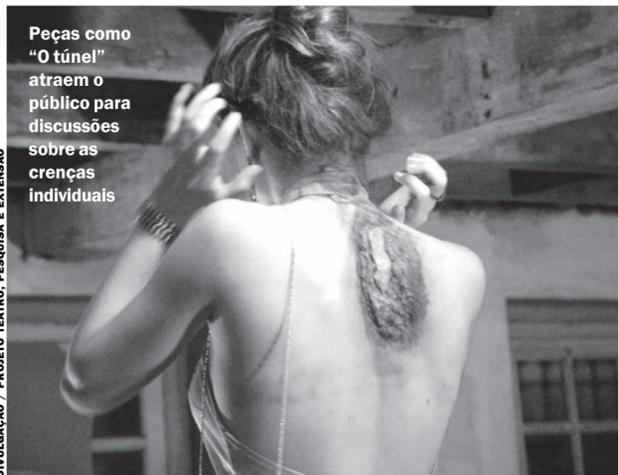
de Porto Alegre, apesar de ser vantajosa para os alunos, é prejudicial ao desenvolvimento das aulas, por não existir isolamento acústico. “O barulho é horrível, atrapalha os ensaios”, lamenta a estudante Tiziani Edler, que também reivindica salas maiores para as atividades em aula.

Entre os pedidos dos alunos, também aparece a reforma da Sala Alziro Azevedo, usada para ensaios e apresentações do DAD. Houve queda de reboco do teto, os banheiros não são separados e uma das salas sofre com infestações de piolhos trazidos pelas pombas. “A situação está ruim, mas, dada a condição do ensino público em geral, temos sorte de ter o mínimo para trabalhar”, desabafa a estudante Vanessa Silveira.

A professora Inês Marocco acredita que o DAD ainda é pouco valorizado, mas que aos poucos está conseguindo maior reconhecimento. “Eu acho que falta a gente se mostrar mais, ainda não nos damos o devido valor”, declara. Para ela, é preciso mais iniciativa dos estudantes para dar início a novos projetos. Mais apresentações dos trabalhos desenvolvidos nas disciplinas é também desejo de alguns estudantes, que acreditam que isso daria maior visibilidade para quem está começando. Nesse sentido, durante o curso, os professores procuram trabalhar a autonomia dos alunos, pois é necessário que eles consigam se tornar independentes.

Se o potencial dos estudantes do curso de Teatro ainda não é totalmente explorado, os projetos que já existem atraem cada vez mais público. “São trabalhos simples, e as pessoas têm vontade de ver, é uma coisa impressionante. Eu sei que o teatro é uma arma muito forte em nível de marketing, ele tem poder. Acho que tudo inicia a partir daí, no momento em que a gente começar a trabalhar e se motivar, todo mundo vai nos enxergar.” O público que prestigia as peças do DAD contribui para que se produza cada vez mais teatro de qualidade apresentado dentro da UFRGS.

Luiz Ricardo Linch, estudante do 7º semestre de jornalismo da Fabico



Peças como “O túnel” atraem o público para discussões sobre as crenças individuais

Destaque

Humor à francesa é o tema de Festival de Cinema

As melhores comédias produzidas na França nas últimas décadas em exibição na UFRGS

A mostra integra as comemorações da Festa do Cinema Francês que ocorrem no mês de junho na França. O evento surgiu em 1985, por obra do ministro da cultura francês na época, com o objetivo de resgatar o gosto pelo cinema quando a TV já havia revolucionado o audiovisual. Durante três dias, quem adquirir um ingresso pode, pelo preço simbólico de 2 euros, assistir a quantos filmes quiser. Em 2005, mais de quatro milhões de franceses beneficiaram-se dessa promoção especial. Esse ciclo, Humor à francesa, viajará durante 10 meses, a partir de junho de 2006, através de 19 cidades brasileiras, mostrando ao Brasil o cinema francês como uma indústria forte e totalmente independente das grandes produtoras americanas. O diretor da Aliança Francesa de Porto Alegre, Monsieur Yves Mahé, diz que o riso, próprio do homem, segundo Rabelais, sempre teve como terreno fértil a nossa absurda humana condição. Portanto, não surpreende que tenha achado no cinema, que decifra incessantemente o ser humano, um de seus modos de expressão mais naturais. O Festival é resultado da parceria da Sala Redenção com a Aliança Francesa e a Cinemateca da Embaixada da França. Será exibida uma seleção de sete comédias francesas, as mais assistidas e elogiadas desde o fim dos anos 70. Os filmes serão apresentados de 26 a 30 de junho, em sessões sempre às 18h30min, com entrada franca.

Le Père Noël est une ordure (Papai Noel é um picareta) (1982, 80min), de Jean-Marie Poiré. O serviço telefônico parisiense "SOS détresse-amitié" (SOS depressão-amizade) é perturbado na noite de Natal por indivíduos estranhos que provocam catástrofes.



DIVULGAÇÃO

Gazon maudit (Uma cama para três) (1994, 105min), de Josiane Balasko. Um casal vive de modo feliz e burguês em uma pequena cidade do Sul da França até o dia em que um trailer quebra bem diante de sua casa.

Les visiteurs (Os visitantes) (1993, 105min), de Jean-Marie Poiré. Sob o reino de Luís VI, o Gordo, um nobre cavaleiro e seu fiel escudeiro vêm-se transportados para o ano de 1992 após terem bebido uma poção mágica.

Les bronzés (Os bronzeados) (1978, 95min), de Patrice Leconte. Um grupo de vinte pessoas chega a um clube localizado na África para passar alguns dias de descanso e vive aventuras tragicômicas.

Bernie (1996, 87min), de Albert Dupontel. Rapaz deixa o orfanato com o único objetivo de conhecer suas origens. Desligado do mundo real, ele cairá em várias armadilhas e vai semear a desordem por onde passar.

Liberté – Oléron (Liberdade – Oléron) (2000, 107min), de Bruno Podalydès. De férias na ilha de Oléron, pai de quatro rapazes fica cansado da praia. Resolve então comprar um veleiro, na esperança de reunir sua família.

Asterix e Obelix: missão Cleópatra (2001, 107min), de Alain Chabat. Os guerreiros gauleses viajam ao Egito para ajudar arquiteto a construir um suntuoso palácio no deserto, mas personagens invejosos tentarão estragar seus planos.

CINEMA/DVD/VÍDEO

Nós que aqui estamos por nós esperamos

(Brasil, 1999, 73min). Memória do século XX, a partir de recortes biográficos reais e ficcionais de pequenos e grandes personagens. O filme pretende discutir a banalização da morte e, por correspondência direta, da vida. Exibido pelo projeto Artes da Memória. Datas: 2 e 23 de junho, sextas-feiras Local e horário: Sala Redenção, às 18h Entrada franca

II Ciclo de filmes russos

Exibição de filmes produzidos na Rússia com inspiração na literatura de Dostoiévski. Data: 5 a 9 de junho Local e horário: Sala Redenção, às 18h30min Entrada franca

A fantasia no cinema e na literatura

O ciclo de filmes promovido pelo Grupo de Estudos de Ficção de Fantasia do Instituto de Letras da UFRGS encerra neste mês com a apresentação de dois longas-metragens. As sessões são sempre às 12h no Auditório Celso Pedro Luft, com entrada franca.

O anel dos Nibelungos (Alemanha/Itália/Inglaterra/EUA, 2004, 132min), de Uli Edel. Produção para a televisão baseada em lendas nórdicas que inspiraram o compositor Richard Wagner e o escritor J.R. Tolkien. O jovem ferreiro Siegfried, que ignora ser o legítimo herdeiro do reino, vence um dragão e se apossa de um tesouro amaldiçoado que o colocará em risco. Data: 7 de junho, quarta-feira

As crônicas de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa (Nova Zelândia/EUA, 2005, 140min), de Andrew Anderson. Versão do clássico infantil de C.S. Lewis. Enviados para uma casa no interior da Inglaterra para fugir da II Guerra, quatro irmãos encontram em um guarda-roupa a entrada para uma terra mágica. Data: 14 de junho, quarta-feira.

A História vai ao cinema com Aplicação

Projeto que exhibe filmes seguidos de debates com sessões às 19h, na Sala Redenção. Ingressos a R\$ 1,50.

O outro lado da nobreza (EUA, 1994, 117min), de Michael Hoffman. Estudante de medicina, na Inglaterra do século XVII, é guiado pelas mudanças de sua época e de seu coração. Data: 10 de junho, sábado

A missão (Inglaterra, 1986, 121min), de Roland Joffé. No século XVIII, violento mercador de escravos acaba se convertendo em missionário nos Sete Povos das Missões. Data: 24 de junho, sábado

Sonhos

(Japão, 1990, 119min), de Akira Kurosawa. Oito episódios que tratam da natureza e sua relação com o egoísmo humano. Promoção do projeto Niete-Cinema da Faculdade de Educação. Data: 12 de junho, segunda-feira Local e horário: Sala Redenção, às 18h30min Ingresso: R\$ 5,00 (estudantes da UFRGS podem doar 1 kg de alimento não-perecível)

Semana Glauber Rocha

Parceria entre a Sala Redenção e a Fabico, apresentando filmes do diretor brasileiro. Data: 14 de junho, quarta-feira Local e horário: Sala Redenção, em sessões às 12h e 19h Entrada franca

Barravento (Brasil, 1961, 80min) Negros pescadores dominados pelo misticismo religioso, promovem a revolução contra os responsáveis por sua miséria.

Maranhão 66 (Brasil, 1966, 11min) Um contraponto ao discurso do recém-eleito governador do Maranhão, José Sarney, mostrando a miséria do estado e as esperanças do povo.

OFICINAS E PALESTRAS

Conhecendo o herbário

Oficina que apresenta parte do acervo do herbário do Instituto de Biociências da UFRGS, destacando a sua importância como depositário de fragmentos ou amostras da biodiversidade vegetal. Serão abordados os procedimentos de rotina de um herbário, desde a coleta da planta até a incorporação da mesma ao acervo, com a realização de uma atividade prática. Ministrantes: Mara Rejane Ritter, Jair Gilberto Kray e Joana Baptista Rocha Público-alvo: comunidade em geral (adolescentes e adultos) Data: 20 de junho, terça-feira Local e horário: mezanino do Museu da UFRGS, às 14h Entrada franca

Cogumelos e outros fungos

Oficina constituída de estudos práticos sobre fungos macroscópicos, com reconhecimento de cogumelos e orelhas-de-pau comuns no Parque Farroupilha. Ministrantes: professores Rosa Maria Silveira, Rosa Guerrero, Marcelo Rother e Matheus Reck. Público-alvo: adolescentes e adultos Data: 22 de junho, quinta-feira Local e horário: mezanino do Museu da UFRGS, às 14h.

Olhares cruzados

Série de debates com a participação de professores da UFRGS e convidados, tendo como objetivo a busca de reflexões sobre as relações entre o homem de nosso tempo e a natureza. Em junho, contará com a participação do lama Padma Samten com a palestra "O homem, em sua dimensão espiritual e sua relação com a natureza". Data: 29 de junho, quinta-feira Local e horário: mezanino do Museu da UFRGS, às 19h Entrada franca.

EXPOSIÇÃO

Homem-Natureza: cultura, biodiversidade e sustentabilidade

Mostra realizada a partir de uma parceria entre o Museu da UFRGS e a Copesul, integrando o Projeto Copesul Cultural. A exposição permite ao visitante a descoberta do ambiente através da percepção da arte e da ciência. A visitação pode ser feita de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h. Agendamento de visita guiada pelos telefones 3316-3034 ou 3316-4022. Entrada franca.



FLAVIO DUARA

MÚSICA

Saraus

Apresentações dos alunos do Departamento de Música com entrada franca. Datas e horários: 5 de junho, às 17h30min; 8 de junho, às 12h30min; 12 de junho, às 17h30min; 19 de junho, às 17h30min; 22 de junho, às 12h30min; 26 de junho, às 17h30min e 29 de junho, às 12h30min. Local: Auditorium Tasso Corrêa do IA

1º sarau especial dos alunos do Sub-setor de Canto com entrada franca. Data: 21 de junho, quarta-feira Local e horário: Auditorium Tasso Corrêa, às 18h.

PLANETÁRIO

Projeto Selene

Programa de observação do céu noturno por meio de telescópio, que inicia logo após o pôr-do-sol. Em caso de mau tempo, a atividade é cancelada. Datas: 3 e 4 de junho e 1º e 2 de julho Entrada franca.

Recitais

Apresentações musicais no Auditorium Tasso Corrêa do Instituto de Artes, com entrada franca.

Recitais de canto da classe da professora Elisa Machado. Datas e horário: 6 e 9 de junho, terça e sexta-feira, às 20h.

Canções de cabaret Espetáculo baseado na obra *Cabaret Songs*, de Willian Bolcom (EUA). Data e horário: 8 de junho, quinta-feira, às 20h.

Recital com Leticia de Oliveira (violoncelo) e Luciana Malacarne (piano) Data e horário: 13 de junho, terça-feira, às 20h.

Recital de Selva Martinez (piano) Data e horário: 16 de junho, sexta-feira, às 18h.

Recital de encerramento do semestre da Orquestra do Departamento de Música da UFRGS Data e horário: 27 de junho, terça-feira, às 18h.

TEATRO

Roberto Zucco

Espectáculo para o projeto Teatro, Pesquisa e Extensão, baseado em texto do dramaturgo Bernard-Marie Koltés, sobre jovem que mata os pais e passa a cometer crimes sem motivação aparente, desorganizando a ordem moral de uma cidade. Direção de Felipe Vieira. Elenco: Celso Francisco, Fernanda Mandagará, Jéferson Rachewsky e Leônidas Rübenich, entre outros.

Datas e horários: todas as quartas-feiras de junho (dias 7, 14, 21 e 28), em sessões às 12h30min e 19h30min Local: Sala Qorpo Santo Entrada franca



SENOR VILALTI

Onde?

- Museu da UFRGS Av. Osvaldo Aranha, 277
- Planetário Av. Ipiranga, 2.000
- Auditório Celso Pedro Luft Av. Bento Gonçalves, 9.500
- Instituto de Artes da UFRGS Rua Senhor dos Passos, 248
- Sala Redenção Av. Paulo Gama, s/nº.
- Sala Qorpo Santo Av. Paulo Gama, s/nº.

Ney Fialkow *Fascinado pela música*

Ademar Vargas de Freitas

Para se dedicar à música, Ney Fialkow abandonou uma bem-estruturada carreira de médico. Bom para seus alunos do Departamento de Música do Instituto de Artes da UFRGS. Eles ganharam um professor com formação primorosa, que traz de família o compromisso ético de repassar o conhecimento adquirido: a mãe foi professora de História na Unisinos, a irmã é professora do Departamento de Medicina Interna da UFRGS, o irmão é professor da área de Economia no IPA.

Da infância em São Leopoldo, onde nasceu a 22 de janeiro de 1960, de uma família judia vinda do leste europeu, ele guarda boas lembranças. Em casa, pelo gosto do pai, Bernardo Fialkow, se ouvia música erudita pela Rádio da Universidade. Ney lembra como se fosse hoje o dia em que o pai tirou num consórcio um aparelho que reproduzia som estereofônico. “Foi uma emoção muito grande ouvir a Quinta Sinfonia de Beethoven em estéreo.”

Nessa família musical, David (9 anos) estudava violino, Lea (8 anos) estudava piano, e Ney (5 anos) também queria entrar nesse rolo. Começou a tocar no piano da irmã, de ouvido. Com receio de que ele “estragasse” o instrumento, os pais tentaram desviar sua atenção apresentando-o com um vistoso caminhão de plástico, último lançamento da Atma (extinta fábrica de brinquedos). Enlevado com o presente, Ney esqueceu de tocar por um ou dois dias. Depois, chutou o caminhão e voltou a assediar o piano da irmã.

No Grupo Escolar Visconde de São Leopoldo, ele teve outro encontro musical. A professora de canto orfeônico Anita de Negri acompanhava o coro escolar tocando num piano-de-armário, que estava sem a parte da frente. Quando ela toca-



“Minha tese de doutorado foi sobre os ponteiros de Camargo Guarnieri!”

FLAVIO DUINA

va, se podia ver os martelos batendo nas cordas. Ney ficava encantado com aquilo e, enquanto os colegas desciam para o recreio, dedilhava o piano, tentando reproduzir o que tinha ouvido.

Ao perceber seu interesse, a professora se ofereceu para lhe dar aulas numa parte do recreio. Em seguida, avisou os pais e recomendou que Ney tivesse aulas regulares de piano. Ele estudou com Anita durante três anos, tocando peças do nível inicial até o intermediário, e tendo teoria. Depois que ela se mudou de São Leopoldo, Ney estudou quase dois anos com o professor Telmo Locatelli.

Na pré-adolescência, sentiu-se um pouco desestimulado: todo mundo jogando futebol, e ele no piano... Mas a mãe, Mirian Fialkow, o apresentou à pianista e professora da UFRGS Zuleika Rosa Guedes, que depois de ouvi-lo tocar resolveu admiti-lo, embora só lecionasse para alunos mais avançados. Aos 11 anos, Ney fez seu primeiro concerto com orquestra, a Orquestra Prômúsica, regida pelo maestro Nicolas Frantchev. Foi um período de grande aprendizagem.

Vida louca – Aos 17 anos, fascinado por piano, mas também ansioso por voar, louco por idiomas e apaixonado por biologia, Ney acabou fazendo o vestibular

de Medicina na UFRGS (era o mais moço da turma). Mas não largou o piano. “Foi uma vida muito louca: levantava cedo para estudar; ao meio-dia, estava tocando; de tarde, estudava de novo, de noite tocava um pouco e estudava outro pouco... No sábado dava para tocar bastante e, ainda, sair à noite com meu grande amigo desde a infância, Miguel Rossetto.”

Aos 21 anos, no quinto ano de Medicina, Ney ganhou várias competições de piano. E participou, *hors concours*, do primeiro concurso para jovens solistas feitos pela OSPA, em 1981. “Foi aí que tive a oportunidade inimaginável de tocar Camargo Guarnieri com o acompanhamento da OSPA regida pelo próprio Guarnieri.” Por essa época, ele começou a fazer parte do Trio Porto Alegre, originalmente composto por Telmo Jaconi, Zuleika Rosa Guedes e Jean Jacques Pagnot.

Ney formou-se em Medicina aos 22 anos, fez residência no Hospital de Clínicas e acabou se encaminhando para a medicina intensiva. Aos 25 anos, era especialista e trabalhava quatro noites por semana nas UTIs do Hospital Moínhos de Vento e do Hospital de Pronto Socorro. Junto com a irmã e um amigo, resolveu montar um consultório médico e chamou uma amiga arquiteta, Ida Nelstein, para resolver um problema de espaço. Como num passe de mágica, Ida colocou ordem no ambiente e ganhou o coração de Ney. “Me apaixonei na hora! Quatro meses depois, estávamos casados.”

Mais músico que médico

Enquanto terminava o bacharelado em música, Ney fazia recitais com o trio e continuava a participar de concursos. Num deles, tirou o primeiro prêmio e, por sugestão da professora Cristina Gerling, foi indicado para fazer mestrado no New England Conservatory, em Boston, EUA, com bolsa da Capes.

Diante da necessidade de largar tudo e seguir para os Estados Unidos, pensou: “Sou médico, profissão que adoro. Mas, como músico, penso sempre em música, estou sempre ligado num tema, vivo batucando nas mesas. Só que, como músico, não penso em medicina”. Conclusão: sentia-se mais músico que médico. Então, não olhou para trás.

Nesse momento, o apoio irrestrito da mulher foi fundamental. Embora tivesse um escritório de arquitetura e um emprego no Banco do Brasil, Ida reagiu positivamente ao saber que ele tinha ganhado uma bolsa para fazer mestrado no exterior: “Precisamos comprar malas”, disse ela.

Em Boston, frio de rachar, Ney levantava às cinco da manhã para ser o primeiro a chegar ao conservatório e estudar das seis ao meio-dia. Aquilo era tão bom que ele não considerava um sacrifício. “Era a minha grande glória. A dedicação era absoluta, não tinha nada na cabeça que não fosse

estudar piano, ouvir música, freqüentar concertos e assistir a todas as apresentações da Orquestra Sinfônica de Boston.”

Ida e Ney estavam de acordo: só teriam um filho depois de retornar ao Brasil. Mas, antes mesmo de concluir o mestrado, ele já havia sido contemplado com outra bolsa da Capes para fazer o doutorado, desta vez no Peabody Conservatory, da John Hopkins University, em Baltimore, onde foi assistente da célebre pianista Ann Schein. Então, em 1992, nasceu Dan. Dois anos depois, veio Max.

Durante os dois anos de mestrado e os quatro anos de doutorado, Ney conviveu com gente do mundo inteiro e teve *master-classes* com profissionais de nível internacional. Nesse período, veio algumas vezes ao Brasil, tocou com a Orquestra do Theatro São Pedro, fez concurso para professor do Departamento de Música do Instituto de Artes da UFRGS e venceu o VII Prêmio Eldorado de Música como melhor pianista, oferecido pela Rádio Eldorado, de São Paulo.

Em julho de 1995, ao retornar dos Estados Unidos com a mulher e os dois filhos, rico em novos conhecimentos e em experiências musicais, ele trazia um outro tesouro: um piano Steinway, escolhido a dedo e comprado em prestações em Nova York.



ACERVO PESSOAL

NERVOS DE AÇO

“Concursos podem ter prós e contras, mas são a maneira mais democrática de se obter visibilidade. Além disso, exigem preparo: se a gente consegue tocar ali, pode se apresentar em qualquer lugar. Não que se fique imunizado contra o medo, temos que assumi-lo, levá-lo para o palco e trabalhar em cima disso. Não conheço ninguém que diga que não fica nervoso, mas a maioria das pessoas não tem idéia do número de horas e de dias de trabalho que se precisa ter para dominar os nervos no palco.”

ADRENALINA, ADRENALINA
“Interessante, sempre me consi-

derei uma pessoa estressada e acabei optando por Medicina, que lida com situações geradoras de estresse. E, como músico, cada vez que se sobe ao palco, um baita estresse nos acompanha até o final. A gente só relaxa depois que termina de tocar, e acaba viciado em tocar e em sentir medo. É uma espécie de drogadição ao contrário: na droga, primeiro vem a euforia, depois o arrependimento; no palco, primeiro vem o estresse, depois a euforia. Talvez a minha busca seja pela adrenalina.”

ESTADOS DE ESPÍRITO

“Em Boston, eu estudava oito horas por dia, todos os dias. Hoje sei que não preciso tanto: faz mal para as

mãos e para a cabeça. É preciso se relacionar com as pessoas, apreciar a arte e as coisas da natureza, ler e poder entrar em tantos outros estados de espírito. Quem não viver a vida não vai conseguir ser bom músico.”

SEM MÁGICA

“Para uma formação de alto nível, é fundamental ter um local com alta densidade artística. Imagina estudar numa escola que tem duas orquestras sinfônicas, conjuntos de música contemporânea, pianos maravilhosos, salas de concerto com acústica excelente... Não é mágica, é só a oportunidade de ter contato com o fazer musical que ainda não se tem

aqui. Embora nossa escola seja bastante boa, tenho consciência de que não vou poder passar toda a experiência que tive nas duas escolas em que estudei nos Estados Unidos. E não tenho a envergadura dos professores de lá.”

FAVOR NÃO BATUCAR

“Num seminário de história da música, entre pessoas de diversas partes do mundo, me dei conta do quanto eu era diferente. Enquanto a música tocava, todos permaneciam estáticos nas cadeiras colocadas em círculo, eu era o único que batia o pé e saracoteava o tempo todo. Me atrai essa coisa de como o corpo responde ao ritmo, algo muito presente na cultura brasilei-

ra, como ficou claro no cartaz que vi afixado no setor de alfândega do aeroporto do Galeão numa das vezes em que vim ao Brasil: ‘É favor não batucar no balcão’.”

APRENDER ENSINANDO

“Ensinar é um trabalho desafiador e gratificante, se aprende enquanto se ensina. O ato de ensinar evidencia o que não se sabe e, junto com o aluno, vamos sutilmente procurar a resposta para tantas perguntas. Dessa maneira, nos expomos, mostramos que temos os mesmos medos e cometemos os mesmos erros. A diferença é que temos um pouco mais de estrada.”



Maria Clara Adams

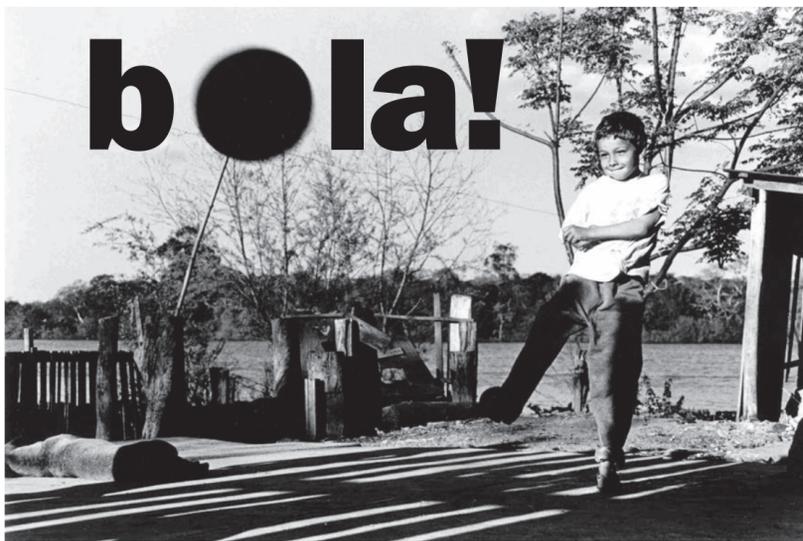
Teresa Haase



Miriam Marroni

País bom de

bola!



Teresa Haase

Isaura Saraiva



Flávio Dutra

Aldir Blanc, o meia-esquerda-compositor-parceiro do centroavante-violonista João Bosco em músicas como *O bêbado e a equilibrista*, *Dois pra lá, dois pra cá* e *Linha de passe*, já disse que "quando eu morrer, me enterrem em um campinho de subúrbio, no menor e mais esburacado deles, perto da cabra vadia nelsonrodriguesana e de flores sem nome, e que um antológico passe de letra seja dado sobre a grama que prolongará meu peito onde, na várzea, um dia, vento na camisa, cheiro de sol e de sabão vagabundo, vibrou meu coração".

Em tempos de Copa do Mundo, quando mais do que nunca somos 160 milhões de técnicos e - vá lá - "técnicas" de futebol, e nos salta aos olhos a cerimoniosa e qualificada organização e formalidade do futebol profissional, comandado pelo *fair play*, pelos campos com grama em excelente estado, pelo público comportado e pela quase previsibilidade dos resultados, nada

como lembrar de que, se não é origem de nada, o espaço quase mítico da várzea, do campo pelado, do zagueiro rompedor, do chute de dedão com unha lascada, da pelada de sábado pela manhã, à tarde ou à noite (com a luz do bico do poste) é onde, de verdade, no mundo do futebol, a maior parte dos apaixonados pelo esporte vive suas glórias, decepções e encantamentos.

O Ensaio deste mês homenageia o esporte bretão em sua expressão mais simples: o futebol das crianças de pés descalços, do intervalo do almoço no pátio "da obra", do areião na pracinha. Mais simples, mas não menos competitivo, intenso e apaixonado. As fotos desta página são algumas das imagens que resultaram de um curso sobre fotografia e antropologia, organizado em 2003, no Núcleo de Fotografia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS.

P.S.: Aldir Blanc, "meia-acadêmico" de toque refinado, também é conhecido no Estácio, onde se criou, como Palito.